PORQUE JANGO NAO

CHEGOU A MOSCOU

# NOVA REVOLUÇÃO VEN DA AMERICA

SEU ARTUR ACEITOU DESAFIO AMERICANO A LINHA DURA DA GENERAL MOTORS

PADRE MELO SEM PAPAS NA LINGUA

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28





## Oliveira Bastos

#### Theophilo de Azeredo Santos

## Parlamentando

1) Brasília viveu, esta semana que passou, sob o signo da atividade legislativa. Os poucos dias que faltam para o recesso parlamentar — um recesso de quatro meses — levaram à capital pràticamente todos os deputado e senadores. Os hotéis cheios, os restaurantes cheios, as comissões técnicas cheias e até o plenário (coisa insólita) tinha gente para ouvir discursos.

2) O Congresso, hoje, tem duas preocupações, transformadas em estratégia da Arena, isto é, da maioria: aprovar, como chegam as mensagens do Executivo e bloquear os arroubos verhais do MDB. No fundo, cada representante da Arena olha o seu companheiro do MDB como um perigo para a instituição. Uma palavra "fora de contexto" pode ser interpretada como uma provocação e a hora, positivamente, não é de provocações. O MDB, justiça seja feita, tem revelado prudente sensibilidade conjuntural.

3) As coisas complicam-se um pouco quando é gente da própria Arena que coloca a palavra "fora de contexto". O caso do Nordeste, por exemplo. Na ânsia de prestar serviços, o sena-

dor Benedito Ferreira (Arena—Go.) fêz um discurso de apaixonado encantamento pelos resultados que a política do govêrno vem colhendo no Nordeste. Citava números, exemplos, fazia comparações. Os representantes nordestinos, no Senado, estavam atônitos. E, um por um, resolveram rechear o discurso de Benedito Ferreira com observações realistas sôbre a situação nordestina.

4) Dinarte Mariz, Paulo Guerra, José Sarney e outros (todos da Arena), com as evidências na mão resolveram mostrar que "o desenvolvimento não é um tranquilo navegar no mar das estatísticas." E foi surgindo um Nordeste que vive, segundo alguns, dias mais terríveis do que nunca.

5) Houve incômodo e ranger de dentes na área do Executivo. E, logo, sobressaltos no Legislativo. Mas os aparteantes tinham uma desculpa. Estavam calados porque acompanham, mais do que o esfôrço, a preocupação do presidente Médici em melhorar as condições de vida do Nordeste. Mas os resultados ainda não se revelaram. Como membros da Arena não

desejavam criar problemas para o govêrno, mas não podiam, também, ouvir calados o elogio da nova situação do Nordeste, que não é nova, nem boa. Donde se conclui que mesmo em matéria de elogio os parlamentares da Arena precisam ter cuidado. O elogio excessivo pode provocar a vontade de retificações embaraçosas.

6) Além da desculpa tinha um motivo mais sério. No ano passado foi necessário que o presidente e seu próprio filho percorressem o Nordeste para se informarem da efetiva situação da área. Por delicadeza, por compromissos partidários ou por simples temor, os parlamentares arenistas (com exceção do senador Dinarte Mariz) não denunciavam o estado de calamidade que, depois, o presidente observou e denunciou. Incentivados pelo próprio exemplo presidencial, os parlamentares da Arena não querem mais ser apanhados de surprêsa, como relapsos ou omissos.

7) Este é o Congresso que entra em férias. Um longo recesso. Mas que muitos parlamentares recebem com alívio, certos de que fizeram o máximo, apesar de tão pouco.

# Agenda

Em nosso próximo número publicaremos uma entrevista sensacional (a primeira por êle concedida em tôda a sua vida) com aquêle que muitos, mas muitos mesmo, consideram "o homem mais inteligente do Brasil". Quem será? Enquanto o Flávio Cavalcanti procura o homem mais bonito do Brasil, nós encontramos e entrevistamos o homem mais inteligente do país. Que diferença de pauta, hein? O salário de Roberto Campos, no seu nôvo emprêgò junto ao grupo Soares Sampaio vai além de cem mil cruzeiros, por mês, livres de impostos. Depois de animador de televisão, o melhor mesmo é ser animador de grupos econômicos. Theóphilo de Azeedo Santos tendo aceito tôdas as presidências de entidades, que lhe foram oferecidas (as quais acumula e exerce com brilho invulgar), parte, agora, para uma nova etapa: vai disputar a presidência da Ordem dos Advogados do Brasil. Aliás, sôbre o Theóphilo, quem tem uma história interessantíssima é o Sebastião Néry. Conta o Néry que a vocação do Theophilo foi revelada na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, onde os dois foram contemporâneos. Theóphilo, taquígrafo exímio, apanhava tôdas as aulas (de sua série e, nas folgas, das outras), traduzia ràpidamente, e vendia, por bom preço, mimeografada, as melhores apostilhas da Faculdade. Quando concluiu o curso já era banqueiro laureado. Tanto que o seu diploma registra: \$uma cum Laudae.

Suma cum Laudae.

Roberto Marinho, que pagou integralmente os empréstimos do "Time-Life" e rompeu o acôrdo de assistência técnica que mantinha com essa emprêsa americana tem ainda, de quebra, um motivo de orgulho: é que o homem que representava o grupo "Time-Life", dentro da TV-Globo abandonou os seus antigos patrões, naturalizou-se brasileiro e, já agora, é um dos omens de confiança do próprio Roberto Marinho. E na mesma TV-Globo. Arnaldo Lacombe, meu amigo, é diretor da Agência Nacional e há poucos dias, fêz esta declaração: "Uma das boas coisas que tinha o DIP era o programa especial para agricultores, que pretende-mos reeditar". Como homem do campo, fico alegre com a reedição do programa; mas como jornalista, Arnaldo, estou confuso: será que voçê preten-



Flávio Cavalcanti

reeditar outras "boas" coisas" do DIP? Vê lá, hein? Jorge Oscar Mello Flôres, uma das melhores figuras desta praça, e um dos maiores "conspiradores" da história da República, está arrumando as suas "memórias". O plano é divulgá-las em 1974, dez anos depois da Revolução que êle aiudou a acontecer. Mas antes disso nós furaremos alguns capítulos. O homem mais inteligente do Brasil, de quem publicaremos em nosso próximo número, sua primeira entrevista, nos disse: "Os americanos estão pagando o preço da excessiva distribuição de renda. Não vai ser fácil (embora êsse fôsse o caminho correto) convencê-los de que devem trabalhar mais e receber menos. Um país que possui o maior capital acumulado (e investido), a mais moderna tecnologia do mundo, que dispõe de mercado interno e de matérias-primas, está perdendo a competição (e a cabeça) para o Japão e a Europa por causa do custo excessivo de sua mão-de-obra". Isto é apenas uma amostra do que vem por aí. Aguardem e espalhem. As novas instalações da corretora Marcello Leite Barbosa, na praça Pio X (um prédio inteiro, nôvo, de 12 andares) são simplesmente espetaculares. No último andar (escritório do Marcello), tem de tudo: piscina, sauna, o diabo; só falta mesmo um "pregão" da Bôlsa. Para a decoração o Marcello tem recebido presentes de todos os amigos: peças antigas, quadros de pintores célebres, tapêtes persas, e assim por diante. Fui lá olhar bem e ver o que eu podia dar. Olhei, olhei e vi que estava faltando alguma coisa viva no grande aquário do escritório do Cibulares. Dias depois atinei com o meu presente: seria um jacaré. Telefonei, então, para o Cibulares perguntando o tamanho máximo do animal, para ficar à vontade no aquário. Resposta do Cibulares: "O tamanho máximo fica por tua conta; mas se é para o presente ter expressão não me manda jacaré com menos de três metros de comprimento". Agora, imaginem o tamanho do aquário e o tamanho do meu problema.

• Newton Rodrigues, que é um dos melhores analistas políticos do país, que já dirigiu o "Correio da Manhã" e o "Boletim Cambial" está desenvolven-do a idéia da Universidade por Correspondência, que o BC lançou com muito sucesso, mas sem grande apoio logístico. Qualquer dia daremos detalhes do empreendimento. ● Edmar de Souza também deixará o Investbanco. É difícil saber-se se o Edmar acompanhará o Roberto Campos ou se é o Campos que acompanhará o Edmar de Souza. Uma coisa é certa: os dois vão juntos, seja para onde fôr. Até pra lá... • Ésses caras que lançam papéis fracos na Bôlsa estão cortando um dobrado com a página de Hedyl Rodrigues Valle, na "Tribuna da Imprensa". Engraçado é que o Banco Central diz apenas que examinou a documentação, mas não se responsabiliza pelos papéis. Então, alguém tem que

esclarecer os investidores.

Species is aprom to as an extention



Santana Junior A GENERAL MOTORS QUIS DESMORALIZAR
UM DOS LÍDERES DO EMPRESARIADO
BRASILEIRO SÓ PORQUE ÊSTE, PERANTE UMA
COMISSÃO DO CONGRESSO, REVELOU QUE
NÃO PODEMOS COMPETIR NO MERCADO INTERNÁCIONAL
COM OS MODELOS SUPERADOS DE AUTOMÓVEIS
PRODUZIDOS, AQUI, POR GRUPOS ESTRANGEIROS.
QUANDO JOSÉ LUIZ MOREIRA DE SOUZA QUIS RESPONDER,
NENHUM JORNAL DEU ACOLHIDA A SUA MATÉRIA.



# José Luiz Moreira de Souza desafia





José Luiz Moreira de Sousa

# A linha dura da General Motors

O DEBATE sôbre "emprêsas multinacionais" — ou multiestrangeiras — algumas evidencias precisam, desde logo, ser fixadas. A primeira delas é que no atual estágio de desenvolvimento do país seria uma tolice recusar ou desdenhar a contribuição do capital estrangeiro. Não se trata apenas da poupança externa aqui aplicada para financiar empreendimentos

importantes para a manutenção de uma alta taxa de desenvolvimento. Trata-se, também, e numa hora em que o comércio internacional se reestrutura, de obter vias de acesso para colocação de nossos produtos, lá fora. Muito provàvelmente as nossas exportações de minérios seriam ainda hoje insignificantes se não tivéssemos feito aliança (ou concessões, como dizem alguns),

neste setor, com emprêsas estrangeiras.

A segunda evidência é que essa entrada maciça de recursos externos reclama, de nossa parte, uma atitude de permanente vigilância e defesa de nossos interesses. Em outras palavras: o risco que corremos é o da discordância (conflitos) de políticas de desenvolvimento. Nem sem-

pre a estratégia das emprêsas multinacionais, fixada lá fora, é a que mais convém aos nossos interesses. Neste momento, por exemplo, há um claro conflito entre a nossa necessidade de aumentar as exportações de produtos industriais e a linha de produção da industria automobilística.

CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28





A linha dura da General Motors

# Entre as regalias concedidas à indústria automobilística estava a alienação da FNM

Ninguém neste país ignora que a indústria automobilística estrangeira obteve, para se implantar aqui, as mais amplas concessões. Entre essas concessões deve ser incluído o estrangulamento e posterior alienação da Fábrica Nacional de Motôres, empreendimento estatal que poderia ter corrido paralelamente à expansão das emprêsas estrangeiras, no setor.

Ninguém também ignora, neste país, a importância que a indústria automobilística representa para o nosso desenvolvimento, quer como volume de tributos, de salários, de formação de mão-de-obra especializada e vetor de formação de poupança e mercado de capitais (foi com a indústria automobilísitca e a de eletro-domésticos que começamos a superar as limitações do crédito bancário e avançar para a diversificação de instituições financeiras).

Mas as emprêsas multinacionais do setor automobilístico vieram para cá olhando apenas o nosso mercado interno. Estavam na dêles e, durante algum tempo, também estiveram na nossa, quer dizer os nossos interêsses coincidiam inteiramente com os dêles.

Agora, entretanto, o interêsse brasileiro se orienta no sentido de ampliar as exportações de produtos industriais. Lògicamente a indústria automobilística, por sua tecnologia e pela sua capacidade de produção, deveria liderar êsse movimento de expansão de vendas externas. Não é o que acontece. Como as decisões das emprêsas multinacionais são tomadas lá fora, consultando seus próprios interêsses, a indústria automobilística foi aqui montada para produzir modêlos já superados por suas matrizes. Este é o grande embargo, no momento, à exportação de automóveis produzidos no Brasil.

#### Desenho industrial

Um amplo setor dessa indústria, para camuflar o problema, levantou a hipótese de que as nossas exportações de automóveis seriam viáveis desde que um certo número de componentes fôsse importado. Existem estudos detalhados a êsse respeito, revelando que o custo final do produto diminuiria muito

se em vez de produzir resolvêssemos importar uma parte dos veículos.

A aprovação dessa medida equivaleria a uma regressão tecnológica e industrial. Depois de têrmos atingido o estágio de produzirmos um veículo totalmente aqui, regrediríamos ao sistema de montagem. Até fatôres de segurança nacional revelariam o perigo da regressão.

Mas essa pretenção, mesmo atendida, não resolveria o problema. Ninguém precisa ser técnico em exportação de automóveis para concluir que o Opala, os Gordinis, os Gálaxies, os Corcéis, os Dart, etc., não teriam a menor chance de competição, lá fora. São modêlos abandonados há 8, 10 anos pelas matrizes estrangeiras. O Volkswagen, quepoderia ser colocado lá fora, tem o seu mercado externo fixado pela direção da emprêsa. na Alemanha. O problema, então, é que não produzimos, nestes anos todos, um carro brasileiro. Ficamos com a segunda-mão, com a sucata do desenho industrial estrangeiro.

#### Solução

Seria êste um problema intransponível? Não cremos. O Brasil tem condições de impôr a essas emprêsas uma política de produção. Os interêsses das emprêsas multinacionais no nosso mercado interno, que é fantástico, poderão levá-las, mediante pressão brasileira, a reformularem seus projetos de produção e a abrirem para nós brechas no mercado internacional. Uma coisa é certa, porém: a indústria automobilística não alterará seu comportamento sem pressões, e fortes, do govêrno brasileiro.

É justamente neste ponto que se coloca o problema do esvaziamento e transferência da Fábrica Nacional de Motôres. Quando essa transferência ocorreu não havia mais outra solução. Seriam ncessários investimentos maciços, reclamados por outros setôres, para o reerguimento da FNM. No entanto, foi justamente no período em que mais se falou de nacionalismo (de 1958 a 1964) que se abandonou e se alienou o projeto (êste sim, verdadeiramente nacional) da Fábrica Nacional de

Motôres. Teria sido esta emprêsa o local adequado para a concepção de um carro brasileiro, com desenho brasileiro, pinta brasileira e perfórmance brasileira. Se tivéssemos êsse instrumento de competição, as emprêsas estrangeiras logo compreenderiam a necessidade de projetarem outros modelos.

#### Reação

Mas ninguém pode falar que os carros produzidos aqui por emprêsas multinacionais não são os melhores do mundo. O "Jornal do Brasil", meses atrás, começou uma série de reportagens testando os veículos. O resultado, tanto dos testes como da série de reportagens, foi um fracasso. A ligeira amostra revelou que os nossos carros são umas drogas (o que todo mundo sabe), mas o "Jornal do Brasil" encerrou logo a série e saiu a testar outras coisas: refrigerantes, cafèzinhos, etc.

# Opala é um modêlo superado

O mais significativo episódio dessa luta surda para manter a nossa indústria automobilística dependente de modêlos estrangeiros superados, está sendo vivido, neste momento, pelo empresário Jose Luiz Moreira de Souza. Não se trata de um comunista fanático e nem mesmo de um nacionalista zenófobo. José Luiz Moreira de Souza tem procurado o amparo de capital americano para seus empreendimentos e, o queé mais importante, tem conseguido êsse amparo. Mais significativo ainda: é o membro brasileiro mais atuante de um Conselho empresarial Brasil-Estados Unidos, muito acatado pela Embaixada americana. Não só acatado, como orientado. Para desfazer logo tôdas as dúvidas, basta dizer que esta matéria (isto é, a história da briga do José Luiz Moreira de Souza com a General Motors) nos foi trazida pelo Adirson de Barros. Estamos, portanto, em plena área de proteção do Pentágono. Mas vamos ao que interessa, isto é, à

#### Briga

Deu-se que José Luiz Moreira de Souza, na qualidade de presidente da ADECIF, foi convidade a prestar seu depoimento, numa Comissão do Congresso, sôbre o Plano Nacional de Desenvolvimento. Alí, sem imaginar que iria desencadear uma tempestade. Zé Luiz mencionou a necessidade (enfatizada no PND) de desenvolvermos o nosso desenho industrial, isto é, a capacidade de criarmos os modêlos dos nossos produtos industriais. De passagem, citou o caso das dificuldades à exportação de automóveis, justamente por causa dos modêlos superados. E falou no Opala, isto é, na General Motors. Conseqüências: 1) O jornal "O Estado de São Paulo" publicou um curto noticiário das declarações de Zé Luiz; 2) A General Motors, agressivamente, intimou Zé Luiz a desmentir suas declarações, pois do contrário ela própria se encarregaria de desmentí-lo em todos os jornais do país; 3) Diz a General Motors que quem usa modelos superados é a Ford e a Chrysler (o que dirão disso a Ford e a Chrysler? ); 4) José Luiz escreveu uma carta ao "Estadão", narrando o episódio e anexando a intimação da General Motors; 5) Enviou cópias da troca de correspondência a diversas associações de classe, inclusive o Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos, e a quase todos os jornais brasileiros; 6) Nem o "Estadão", que é citado na correspondencia, quis publicar a matéria; 7) O episódio teria morrido aí se o Adirson de Barros, que também tem suas crises de nacionalismo, não insistisse conosco para a sua divulgação; 8) Mesmo correndo o risco de sermos acusados de ceder a pressões de esquerda, julgamos que o apêlo do Adirson de Barros era procedente e estamos dando publicidade ao incidente.

Concluindo: nós precisamos do capital estrangeiro, mas não custa nada estarmos atentos para a defesa dos nossos interesses. Como diz o Adirson: "amigos, amigos — negócios à parte".



#### A linha dura da **General Motors**

NOSSO ESFORÇO PARA AUMENTARMOS A RECEITA DÉ EXPORTAÇÃO ESTÁ ESBARRANDO, NESTE MOMENTO, COM AS BARREIRAS CRIADAS PELAS EMPRÊSAS MULTINACIONAIS, OU MULTI-ESTRANGEIRAS, COMO SERIA MAIS CORRETO DIZER. NESTA REPORTAGEM, CUJO TEMA NOS FOI SUGERIDO POR ADIRSON DE BARROS, REVELAMOS AS DIFICULDADES QUE SE APRESENTAM PARA SUPERAR A POLÍTICA DE MANUTENÇÃO DE RESERVAS DE MERCADO, POR PARTE DAS EMPRÉSAS MULTINACIONAIS.



## As cartas ficariam inéditas

Como o Estado de São Paulo, que ao publicar o noticiário sôbre a palestra de José Luiz Moreira de Souza, se omitiu na divulgação das cartas-polêmicas entre o presidente da ADECIF e da General Motors, POLITIKA o faz para conhecimento de todos os que se interessam pelo que se passa nos bastidores da economia.

"Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1971. Ilmo. Sr. Redator Chefe do Jornal O Estado de São Paulo São Paulo (SP)

Senhor Redator Chefe,

A carta que abaixo transcrevo, textualmente, termina com as seguintes palavras, conforme V.S. pode verificar:

"Deixamos a seu critério retificar suas declarações, em carta de próprio punho ao jornal, caso se tenha verificado um êrro de interpretação do repórter responsável pela matéria. Caso V.S. não o faça, reservamo-nos o direito de enviar um desmentido aos jornais de todo o País, embora tal ação nos coloque em situação de extremo constrangimento".

Vê pois V.S. que a General Motors do Brasil, ao se dar o direito de escrever a carta, não deixa ao signatário qualquer alternativa senão o de retificar o Jornal, se retificar ou aguardar que ela desminta o Jornal e/ou o signatário.

Fora esta última exigência coercitiva e que, pelo menos, poderia ser considerada impertinente, o restante do texto é como V.S. poderá verificar de profunda indelicadeza – para não dizer agressivo – e, òbviamente, não acrescenta qualquer gesto no sentido das boas relações entre empresários brasileiros e estrangeiros, que o signatário procura sempre desenvolver como efetivo e atuante membro do Conselho Empresarial Brasil Estados Unidos.

É pois, com "extremo constrangimento" que me dirijo à V.S. solicitando a publicação da carta recebida, como da resposta presente.

Em primeiro lugar, devo informar a V.S. que, não numa simples palestra em Brasília, (como diz a carta), mas no próprio recinto do Congresso Nacional, expus durante algumas horas a uma comissão de Senadores e Deputados diversas idéias sôbre o I Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social objeto da mensagem no. 343, do Senhor Presidente da República.

A exposição e os debates, cujo registro do Congresso tenho em mãos é de 92 pá-

Entre diversos assuntos abordados, quer na parte expositiva quer nos debates, tratei do problema que o Plano indica e o Código de Propriedade Industrial (também mensagem da Presidência da República) especifica, da necessidade da nacionalização gradativa do desenho industrial, a fim de que possa o Brasil no futuro

## GM acusa suas concorrentes

alcançar o 3o. Estágio da exportação. A saber:

1o. Estágio: Exportação de matérias primas;

20. Estágio: Manufaturados tradicionais à base de preço pela mão de obra mais barata,

30. Estágio: O Produto nôvo em têrmos de desenho industrial e que por isto mesmo obtém mercado no exterior.

Sem ser um especialista em desenho industrial e muito menos em automóveis, citei então, como mero exemplo, a Indústria Automobilística Brasileira, onde as peças eram brasileiras mas os desenhos industriais - pelo menos na aparência - eram cópias de produtos fabricados em outros países, principalmente nos Estados Unidos. Neste ponto referi-me à General Motors, (entre outros) dizendo que em têrmos de 'merchandising' jamais poderíamos exportar produtos já cansados òbviamente em têrmos interna-

Realmente disse, que os automóveis da General Motors (e não só os dela) eram cópias dos automóveis americanos.

Vê pois V.S. que o contexto da longa palestra, neste ponto, poderia ser resumido da seguinte forma: só com a criação de uma obrigatoriedade gradativa de um desenho industrial nacional, alcançaríamos possibilidades de exportar produtos novos, desde, é claro, que as emprêsas estrangeiras sediadas no Brasil, através de acôrdos bilaterais preestabelecidos, concordassem, pelo menos em parte, em abandonar sua política de manutenção de reservas de mercado.

A carta da General Motors, que deveria, a meu ver, ao fazer críticas e exigências "revestir-se da necessária cautela quando envolve o nome de outras emprêsas", ratifica totalmente a tese exposta quando se refere em seu item 1 "A General Motors do Brasil não fabrica qualquer veículo que seja exatamente igual a qualquer outro produzido nos Estados Unidos. Quem o fêz foi a Ford (Galaxie) e a Chrysler (Dodge "Dart" e "Charger").

(Quem o afirma é a maior emprêsa especializada do Mundo em fabricação de automóveis - não eu).

A seguir retifica o signatário com estas palavras em relação ao Chevrolet Opala é um carro médio, com plataforma da carroceria baseada no Opel Rekord, com mecânica e motor Chevrolet, desenvolvido inteiramente por engenheiros da General Motors do Brasil. É inédito em todo o Mundo, embora suas linhas incorporem e seria irracional se assim não fôsse muita coisa comprovadamente boa do carro alemão.

Não creio, salvo melhor juízo da General Motors, que êste carro pudesse obter mercado, por exemplo, na Alemanha.

Por último, cabe ressaltar e cumprimentar a General Motors pelo esfôrço que diz estar fazendo no Brasil para lançar um carro pequeno inteiramente inédito em

Restaria apenas encarecer que se enquadrasse a General Motors no Capítulo IV - Estratégica Econômica Externa no. 6, Alínea II do I Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social quando o Govêrno Brasileiro solicita a "Participação da Emprêsa Estrangeira no Esfôrço Nacional de Conquista de Mercados Externos" e que antes de o produzir na Alemanha, como diz que vai fazê-lo na carta, tentasse um esfôrço de exportação do produto, com o aproveitamento dos incentivos fiscais que o Brasil concede igualmente a empresários estrangeiros e

Aliás, se se seguisse êste caminho estaria a General Motors, pelo menos neste ponto, seguindo o seu próprio exemplo japonês, pois a ser verídica a publicação da visão 11/10/1971, página 15, a General Motors com uma participação de apenas 34,2% na Izuzu Motors Ltd. (Japão) assume a responsabilidade através de sua rêde de distribuição em 146 países, da venda dos veículos da sociedade japonêsa, contribuindo por esta forma e/o esfôrço de exportação japones. Por que não fazer o mesmo no Brasil onde ela, parece, é 100% subsidiária da matriz Americana?

Permito-me agora a transcrição da carta completa, que infelizmente recebi, e como a General Motors reservou-se o direito em sua carta de enviar um desmentido aos jornais de todo o País, faço-o eu próprio, e também ao Congresso Nacional para que incorpore os documentos aos anais da Comissão Mista incumbida de estudo e parecer sôbre o Projeto Lei no. 18, ao Ministério da Indústria e Comércio (Código de Propriedade Industrial) ao Ministério do Planejamento e Coordenação -: (Coordenador do I Plano Nacional de Desenvolvimento Economico e Social) ao Ministério da Fazenda (Assessoria Internacional), e aos meus companheiros, americanos e brasileiros, do Conselho Empresarial Brasil - Estados Unidos, para que tomem conhecimento da matéria que bàsicamente a todos interêssa, e julguem êles próprios as minhas atitudes e as minhas palavras.

Texto da carta recebida

8 de outubro de 1971.

José Luiz Moreira de Souza Presidente da ADECIF A/C Sr. K. Lunau Escritório do Rio de Janeiro

Prezado Senhor:

O Jornal "O ESTADO DE SÃO PAULO" publicou ontem alguns tópicos de palestra proferida por V.Sa. em Brasília. De acôrdo com o referido jornal, V.Sa. teria afirmado — a guisa de exemplo para reforçar seus pontos de vista — que a 'General Motors, embora produzindo automóveis em tôdas as partes do mundo, sòmente no Brasil apresenta um veículo exatamente igual ao que é fabricado nos Estados Unidos".

E, como arremate, uma pergunta maldosa: "Como poderemos disputar no mercado internacional com uma linha já cansada, tanto em nosso país quanto no Exterior? ".

Devemos confessar-lhe que, em sendo fiel às palavras e idéias efetivamente pronunciadas por V.Sa., o argumento publicado nos surpreendeu pelas incorreções e pela sua absoluta falta de fundamento, tanto mais quando enunciados pelo presidente de uma entidade importante como a ADECIF. Nessa qualidade seus pronunciamentos públicos devem revestir-se da necessária cautela, principalmente quando envolvem oesas.

Creia que a General Motors do Brasil alimenta esperanças de que o jornalista não tenha interpretado corretamente as palavras de V.Sa. Pelo sim, pelo não, entretanto, gostaríamos de deixar o assunto perfeitamente esclarecido, a fim de que, no futuro, ao oferecer outros exemplos, V.Sa. não se refira de maneira negativa à General Motors do Brasil.

Assim é que: 1. A GM do Brasil não fabria qualquer veículo que seja exatamente igual a qualquer outro produzido nos Estados Unidos. Quem o fêz foi a FORD (Galaxie) e a Chrysler (Dodges "Dart" e "Charger"). O Chevrolet Opala é um carro médio,

com plataforma de carroçaria baseada no Opel Rekord, com mecânica e motor Chevrolet, desenvolvido inteiramente por engenheiros da GM do Brasil. É inédito em todo o mundo, embora suas linhas incorporem - e seria irracional se assim não fôsse – muita coisa comprovadamente boa do carro alemão.

2. A GM do Brasil está projetando o lançamento de um carro pequeno no país, em 1973. O projeto resulta de um Grupo de Trabalho técnico, composto de engenheiros brasileiros, alemães e norteamericanos. O carro será lançado com primazia no Brasil e mais tarde será produzido também na Alemanha, pela Opel. Não cremos que V.Sa. quisesse invalidar ou negar os benefícios reais que advêm dessa soma de "know-how" diversificado, tendo em vista o aperfeiçoamento tecnológico autênticamente nacional.

3. O exemplo japonês é totalmente impróprio, pois envolve antecedentes circunstanciais inexistentes no Brasil.

Deixamos a seu critério retificar suas declarações, em carta de próprio punho ao jornal, caso se tenha verificado um êrro de interpretação do reporter responsável pela matéria. Caso V.Sa. não o faça, reservamo-nos o direito repórter responsável pela matéria. Caso V.Sa. não o faça, reservamo-nos o direito situação de extremo constrangimento.

Certos de sua compreensão, firmamo-

Atenciosamente, a.a. A. ROMEU NETO Gerente de Relações Públicas

Atenciosamente, JOSÉ LUIZ MOREIRA DE SOUZA PRESIDENTE DA ADECIF

interpretação do repórter



# A BOMBA NOSSA E ABOMBA DELES

Coentro

COENTRO (João Carlos de Oliveira Coentro) é um fato nôvo: neste semanário e na charge política. Nosso primeiro espanto diante dêle resultou da visão manifestada a respeito do nosso "projeto". Num bilhete super-inteligente, êle nos dizia o que éramos: "Uma tentativa de volta à INFORM'OPÇÃO — ou seja a informação aliada às opiniões políticas". E com seus desenhos não fez senão confirmar o que afirmava: muitas vêzes um desenho sugere tôda uma situação que as palavras -- por uma série de motivos -- estão impossibilitadas de transmitir. Olhem suas charges e vejam se não é êste o caso. O caso de COENTRO é a participação.

Além de colaborar em várias outras publicações (VOZES, CONJUNTURA ECONÔMICA), COENTRO cria histórias em quadrinho para educação do trabalhador rural como responsável pela programação gráfica da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Nascido em 1949, COENTRO é tão nôvo que não tem tempo senão de ser um artista de seu tempo.







## Sebastião Nery





# MAGALHÃES BARATA

ERBETE: Barata Joaquim de Magalhães) - Nasceu em Belém, Pará, em 1888, e morreu em 1959. Cursou a Escola Militar do Realengo, chegando a general. Participou das revoltas militares de 1922 e 1924, asilando-se no Uruguai de 1924 a 1930, quando voltou com a vitória da Revolução. Interventor federal do Pará duas vêzes (1932 a 34, e 1943 a 45), foi eleito senador pelo Pará (PSD) em 1945, reelegeu-se em 1954\_e em 1955 se elegeu governador, morrendo no exercício do mandato. Como ídolo popular.

Interventor em 1932, prendeu um filho de José Augusto Meira Dantas, professor da Faculdade de Direito do Pará, velho chefe político do Estado e depois senador em 1947. Meira Dantas telegrafou a Getúlio Vargas protestando. Getúlio encaminhou o telegrama a Vicente Rao, ministro da Justiça, que mandou um rádio a Magalhães Barata, ordenando soltar o rapaz.

Barata estava de saída para uma solenidade no bairro da Pedreira, em Belém. Subiu ao palanque, leu o telegrama e gritou para a multidão:

Não vou soltar não. Com Rao
 ou sem Rao, comigo é no pau.
 E não soltou.

Assumiu o govêrno, mandou fazer concorrência para todos os fornecimentos ao Palácio. Vieram as listas de preços, êle mesmo quis conferir. De repente, vê uma firma oferecendo tudo mais barato ("Manoel Gonçalves e Filhos" famosos pelos preços altos que sempre cobraram). Escreveu em baixo:

- "Indeferido. Eu te conheço,

E mandou devolver.

Ele tinha um candidato a prefeito de Santarém, no Pará. O diretório municipal do PSD queria outro. Vendo

que ia perder, foi lá, conversou, pediu, fez a eleição. Perdeu mesmo: 15 x 5. Levantou-se, pegou o microfone:

 Meus senhores, pela primeira vez a minoria vai ganhar. Está escolhido o candidato que perdeu.

Todo mundo bateu palmas. Ele encerrou os trabalhos:

 E pela primeira vez, a minoria ganhou por unanimidade.

Uma professora do Estado requereu licença-gravidez para o parto do quinto filho. Ele mandou investigar, soube que ela tinha votado com a oposição. Pegou o processo, deu o despacho:

 Ideferido. Nego a licença. Gravidez não é doença. Apanhada por gôsto".

Foi visitar uma cidade do interior. Em frente ao trapiche, onde desembarcou, ficava o "Grupo Escolar Zacarias de Assunção" (O general Assunção era da UDN e tinha sído governador antes dêle, derrotando-o). Chamou o prefeito:

Este grupo vai mudar de nome.
 Vai chamar-se Magalhães Barata,
 que é quem manda no Pará.

E ficou chamado mesmo.

Um compadre dêle, famoso contrabandista, hoje regenerado e grande industrial, chegou ao pôsto fiscal de Belém com muitas tartarugas e não quis pagar o impôsto:

As tartarugas são presente para o compadre Barata.

O fiscal telefonou para o chefe, que telefonou para o secretário do interventor, que falou com o interventor. Barata respondeu:

10

11

12

- Diga ao compadre que presente se dá completo. Ele que pague o impôsto e mande logo as tartarugas".

O ex-embaixador do Brasil em La Paz, Hugo Bethlem, nome de truste, foi o articulador brasileiro do último golpe militar na Bolívia. No dia em que o coronel Banzer foi pôsto no govêrno, Bethlem estava lá, orgulhoso como um proconsul romano na Judéia.

Aliás, meses antes quase tinha criado um caso diplomático entre o Brasil e a Bolívia. Discursando em um final de banquete, êle tinha dito que o Brasil devia tutelar a Bolívia, fazendo dela um protetorado. O então presidente Torres protestou e o ministro Gibson foi obrigado a declarar que não tínhamos nenhuma responsabilidade por pileques de exembaixador aposentado.

Muitos anos atrás, quando o nome de Bethlem foi submetido ao Senado para ser embaixador, Magalhães Barata virou uma fera. Disse o diabo dêle e passou a "cantar" o voto dos senadores, para que o vetassem. Chegou perto de Mello Viana, o velho soba mineiro:

 Senador Mello Viana, o senhor passou a vida inteira votando com o govêrno. Experimente hoje votar uma vêz só com a oposição, para ver como é gostoso.

Mello Viana não disse nada. Pegou sua cédula, foi à urna, deixou lá o voto, voltou e bateu no ombro de Barata:

— O senhor tem razão. Estou me sentindo tão leve!

– É, senador, uma vez ou outras é muito bom, Mas não se acostume não, que de tãø leve o senhor termina voando daqui e não nunca mais voltando".













Murilo Marroquim



# PORQUE JANGO NÃO CHEGOU A MOSCOU



Certa bôca da noite, em Brasília, eu e o jornalista Benedito Coutinho fomos convocados à granja do Tôrto. O próprio presidente da República veio ao telefone e estava visívelmente excitado. Seria que o vulcão político estaria prestes a explodir?

PORQUE JANGO NÃO CHEGOU A MOSCOU





Miguel Arraes

# Antes da queda, cada um tinha seu esquema de golpe. Venceu o que Jango desconhecia

Jango estava sòzinho e a família, como sempre, habitualmente ausente da granja. Teria herdado, por osmose, o temperamento de Getúlio? Contou-me Oswaldo Aranha o seguinte: certa noite alta êle deixou o Catete, com outros ministros. Houvera problemas sérios para debater. Ao despedir-se, Getúlio lhes disse: Agora vocês vão dormir e talvez esquecer, enquanto eu fico sòzinho e desperto, para decidir.

Cruzamos o portão, vendo entre os arbustos os guardas com as suas vestes camufladas de pára-quedistas. Jango estava estirado à beira da piscina, garrafa de uisque ao lado, já

Perguntou-me sôbre a situação em Pernambuco, de onde eu havia retornado poucos dias antes. Contei-lhe o que me parecia a realidade: Arraes era um despreparado para o poder e estava envolvido por alguns comunistas autênticos, outros de mesa de bar e uma legião de pelegos gananciosos ou corruptos. O IV Exército estava, sem dúvida, de ôlho nos acontecimentos. Pareciame haver o desejo de que a situação se deteriorasse, dando motivo à intervenção. Jango observou que, por isso mesmo, mandara para lá o Gen. Justino Alves Bastos, seu amigo de confiança. Arraes seria conti-

 Êle quer tomar-me a liderança sindical, disse Jango.

De fato, a luta surda entre os dois já estava aberta. Arraes já não obtinha nomeação alguma no plano federal e Jango sabia que Arraes sonhava com a Presidência da República.

— Por outro lado, vejam vocês, o Brizzola quer um golpe de Estado. Jamais isto será tentado por mim. (Riu) Um golpe, mas para êle . . . Se tal loucura ocorresse, não deveria

ser para mim?

O uísque corria generoso. Já a esta altura, deixamos eu e Coutinho de tratá-lo de "senhor" para "você" — entre velhos camaradas. A conversa se tornou descontraída e mesmo provocativa. Jango dava nome aos bois e nós também. Os assuntos eram cruamente discutidos

Perguntei-lhe se, ao invés do "seu" golpe não haveria a hipótese de um golpe "contra". Pôs em dúvida. Acentuou que mantinha um

govêrno tanto quanto possível popular.

Que alguns exageros sindicais e certas greves tinham a sua simpatia, mas em têrmos comedidos. Valeriam como coações para que o capitalismo oferecesse melhores concessões.

- E a infiltração comunista?

Bem, respondeu taxativamente que não sendo um comunista, deteria essa infiltração. A sucessão presidencial já respondia, em grande parte, pela inquietação. Juscelino despontava irresistível. Carlos Lacerda não dormia. E Brizzola caminhava para a anarquia.

— Em que fôrça se firma o govêrno para assegurar-se chegar à sucessão?

Jango fêz, então, a sua primeira revelação de impacto:

- No poder sindical-militar.

O presidente estava sinceramente convencido de que contava com a sólida maioria das Fôrças Armadas, notadamente no Exército. Os relatórios que lhe apresentava o seu controvertido general chefe da casa militar eram de total otimismo. Dizia êle que Jango ficasse trânqüilo, pois tinha a fôrça, notadamente nos escalões inferiores.

A propósito, depois da Revolução entrevistei o Marechal Denys. Perguntei-lhe: "Permita-me, marechal, mas que houve com o serviço de inteligência militar, que nada informou ao Presidente? O senhor mesmo acaba de me confessar que começou a conspirar no dia em que Jango assumiu o poder".

Denys limitou-se, sorrindo, a essa resposta: "É que nós conspiramos muito em segrêdo"....

Ali no Torto, Jango estava dando as primeiras linhas do que viria a ser o seu pronunciamento fatal, em praça pública. Por trás dêle e de sua mulher a primeira aparição desta em comício político — alinhavam-se os oficiais generais. Jango, entusiasmado na sua oratória, não sabia que já estava deposto.

Agora, neste ameno encontro no Torto, a sua visão de futuro próximo era fascinantemente enganadora. Nada tinha de peronista. Antes, deseja um movimento sindical autônomo, apoiado pelas classes armadas. Estas dariam o respaldo — por serem fôrças populares — às reivin-



Leonel Brizola

dicações sociais justas. Os temporais políticos cessariam. Sindicatos e militares seriam a grande fôrça política do futuro.

Sentenciou: "Com a ordem implantada, seremos independentes diante do mundo."

Voltou-se para Coutinho e perguntou:

– Você já estêve na Rússia? – Diante da resposta negativa fêz a sua segunda revelação de impacto: "Pois se preparem os dois, pois muito breve iremos a Moscou".

Realmente, ficamos perplexos. E êle: "Olhem, isto é inteiramente confidencial. Só quatro pessoas sabem-disso: eu, vocês e o embaixador soviético".

Levantou-se, de copo à mão, volteou pensativamente a piscina, como a julgar se nos deveria contar tôda a história.

Retornou à mesa e não se conte-

ve:
— Vamos construir a hidelétrica
de Sete Quedas!

E passou à linguagem telegráfica:

12 milhões de kw.

Técnicos brasileiros e soviéticos:

- Três planos quinquenais.

Financiamento russo a juros mínimos.

 Grandes exportações para a Rússia, para facilitar o pagamento.  Só os russos possuem hoje turbinas para o porte de Sete Quedas.

 Já acertei com Stroessner. A energia ociosa do Paraguai será comprada por nós.

— O embaixador soviético disseme que seu país não tem o menor interêsse em disputar o mercado ocidental. Interessa-lhe obras como a de Assuã.

Riu, diante de nosso espanto — : "Vocês não acreditam?"

Deu outra volta na piscina e de retôrno:

– Tem mais. Vamos realizar o velho sonho brasileiro. O plano global inclui a ligação do Amazonas ao Prata:

Explodi: "Maravilhoso, mas você não executa. É uma obra monumental, mas é uma obra política. Não iremos a Moscou; a Rússia não terá o seu Assuã na América Latina."

Irritou-se: "Somos um país livre. Somos independentes. Para isso contarei com o apoio das Fôrças Armadas, para resistir a qualquer pressão. E com o povo".

Retruquei: — Desculpe, mas não iremos a Moscou.

(Não fomos).



 $\mathsf{cm}\ 1\ 2\ 3\ 4\ 5\ 6\ 7\ 8\ 9\ 10\ 11\ 12\ 13$ 





**Carlos Chagas** 

Lincoln Gordon

# COSTA E SILVA, DEDO EM RISTE, ENFRENTOU



Carios Chagas também veio. Um nome maior do jornalismo político brasileiro. Um líder da classe, eleito (em eleições diretas, voto a descoberto) várias vêzes presidente do Clube de Repórteres Políticos. Onde está e de onde ninguém quer que êle saia, apesar de sermos todos, visceralmente, anticontinuístas. Numa hora sombria para a política brasileira, e mais sombria ainda para o jornalismo político, êle aceitou, movido pela ternura humana que nêle despertara o ex-presidente Costa e Silva, ser seu Assessor de Imprensa. Acompanhou a luta e a agonia de Costa e Silva para dar ao país uma Constituição democrática. Escreveu, depois, um livro sôbre o que viu e sentiu junto ao ex-presidente. Mãos estranhas esgotaram essa edição. Mas Carlos Chagas continua sua luta, que se exprime através de duas fidelidades: à verdade dos fatos políticos e à memória (nem sempre bem cuidada) do ex-presidente Arthur da Costa e Silva. Não temos o direito de fingir surprêsa: foi para abrigar gente do nível e da integridade moral de Carlos Chagas que criamos êste jornal. Um abrigo para a política e não um esconderijo para embuçados.

# O DESAFIO AMERICANO



Costa e Silva

ESTES DIAS EM QUE VOLTAM À TONA OBRAS, OPINIÕES E GRAÇAS DO EX-EMBAIXADOR LINCOLN GORDON, VALE À PENA RECORDAR O QUE ME PARECE A DEFINIÇÃO POLÍTICA MAIS IMPORTANTE **TOMADA PELO ESTRANHO** E INGÊNUO PERSONAGEM QUE DURANTE MUITO TEMPO FOI O HOMEM DELES ENTRE NÓS, ISTO É, O REPRESENTANTE DOS ESTADOS UNIDOS NO BRASIL. TAL DEFINIÇÃO ME PARECE, MESMO, BASTANTE MAIOR DO QUE O SEU TANTAS **VÉZES ALEGADO E NUNCA PROVADO CONHECIMENTO PRÉVIO** DA REVOLUÇÃO DE 64.



Mario Andreazza

## O DESAFIO **AMERICANO**

Começaram discutindo sôbre a importância da maçã; tentado o ex-embaixador não aguardou muito e falou sôbre o que lhe interessava: vetos e ameaças



# O presidente esperou pela investida e Lincoln Gordon caiu

Estávamos em Washington, o Presidente eleito do Brasil, Arthur da Costa e Silva, sua comitiva e alguns jornalistas, entre os quais eu me incluía, ou melhor, Roberto Marinho me incluiu. O velho marechal vinha de um tour pelo mundo, que começou em Portugal, passou à Alemanha, à França, à Itália, ao Paquistão, Tailândia, Hong-Kong, Japão e Estados Unidos. Era a fórmula encontrada para êle sair do fôgo dos últimos meses do govêrno Castelo Branco, que reconhecidamente opunha reservas aos rumos tomados pela sucessão. No varejo, surgiam nítidas divergências de orientação entre os dois sistemas, e os castelistas supunham que o mesmo aconteceria no atacado. Temiam acima de tudo, qualquer alteração na rígida política econômico-financeira do ministro Roberto Campos, por quem o marechal Costa e Silva pròpriamente não morria de amôres.

Voltando a Lincoln Gordon, que àquela época deixara a embaixada do Brasil para ser subsecretário de Estado para Assuntos da América Latina: protocolarmente, êle procurou o marechal na Blair House, casa de hóspedes oficiais do govêrno americano, bem defronte à Casa Branca, na avenida Pensilvânia. Conversaram primeiro sôbre o tempo, depois a respeito de impressões de viagem, a grande influência da juventude nos movimentos da música moderna, a importância das maçãs na alimentação das populações nórdicas e vários outros assuntos semelhantes - isto é, sem o menor interêsse para ambos.

Costa e Silva não abria a guarda, para desespêro do visitante. Sagaz meio à moda dos grandes chefes do PSD mineiro, conhecia perfeitamente ações e posições do interlocutor. Mais ainda, não escondeu de seus íntimos, horas antes, o que lhe pareceu ser o grande motivo da visita do americano: especular sôbre o seu futuro govêrno e até mesmo dar palpites. Ligadíssimo (existirá vocábulo menos apropriado para o caso?) ao esquema que se convencionou chamar de Roberto Campos, o ex-embaixador buscava uma brecha para entrar no assunto, confirmando as impressões anteriores do Presidente. Este, falando ainda pior o mau inglês que não sabia falar, dava mais uma demonstração de porquê chegara à Chefia da Nação, mesmo tendo contra êle um homem da personalidade de Castelo Branco. Bancava o ingênuo e até (êle que me perdôe a irreverência), o carade-pau. Logo a conversa passou para o português, que o ex-embaixador falava razoàvelmente.

De vez em quando, o marechal virava-se para o lado, onde estávamos a uma distância polida, e parecia piscar o ôlho ao mesmo tempo que se expressava em linguagem muda: "Olha aí o míster!"

Os minutos passavam, iam para meia hora, até que Lincoln Gordon não resistiu. Exasperou-se e caiu na armadilha pacientemente urdida: "Senhor Presidente, como ex-embaixador e amigo do Brasil, tenho dever de alertá-lo. Nossas informações são de que o senhor tem dado muita ênfase à tese da retomada do desenvolvimento, afastando-se da constante que tem sido a política de contenção inflacionária. Lembro-lhe que entre uma e outra, não deve haver opção: o Brasil precisa continuar sua atual política econômico-financeira. Devo dizer-lhe, também, em caráter pessoal, ver com apreensão qualquer tipo de mudança."

Gelamos todos, menos Costa e Silva, já preparado para aquêle momento. Lincoln Gordon suava frio e não parava de falar, ora fitando as próprias mãos, que gesticulava, ora o teto. O marechal, no entanto, era a própria esfinge de Gisé. Frio, olhar implacável, não exprimia um só movimento, uma só palavra. Internamente, porém, ia passando de rapôsa a onça. A testa enrugou, as faces ficaram vermelhas e o olhar endureceu ainda mais.

O silêncio era tanto que, paradoxalmente, perdemos algumas frases do ex-embaixador. Mas não a última: "E cuidado, Presidente, porque de tanto falar em desenvolvimento, um ex-Presidente do Brasil acabou exilado em Paris".





Juscelino Kubitschek

## Seu mister aceito o desafio

Éle queria referir-se a Juscelino Kubitschek, naqueles dias dividindo sua vida entre Paris e Lisbôa, em choque aberto com a Revolução, ou pelo menos recebendo dela seguidos impactos políticos e emocionais.

Foi a gôta d'água. A temperatura subia e podia ser medida sem termômetro, no próprio ar. O coronel Andreazza, que acompanhava o marechal, tentou retirar os jornalistas da sala, fazendo-nos sinais que propositadamente fingimos não entender. Washington Novais, Paulo César Ferreira, Arlindo Silva, Nelson Dimas e eu seguíamos fielmente o exemplo do marechal: bancávamos os caras-de-pau.

Foi quando o Presidente cortou a enxurrada verbal do americano. Dedo em riste, falou: "Olhe aqui seu míster, o senhor está muito enganado. Não tem e nem eu lhe dei o menor direito de aconselhar-me sôbre a linha de comportamento de meu govêrno, que pretendo venha a ser da maior independência! Vou partir para o desenvolvimento a qualquer custo, pois êste é o destino do Brasil, quer queiram ou não queiram homens como o senhor. Não aceitamos ingerências! E quanto a acabar em Paris, fica o desafio: tentem!"

A conversa terminara. Lincoln Gordon levantou-se, molhado de suor apesar da neve caindo lá fora. No intervalo de uma das visitas na Blair House, aproximei-me do marechal: "Podemos mesmo publicar tudo que ouvimos? "

Sua resposta foi uma sonora risada: "Claro que podem. Pois a imprensa não é livre? "

Pouco depois regressávamos ao Brasil. Com sua posse, Costa e Silva procurou partir para o cumprimento das promessas feitas, de desenvolvimentismo. Se conseguiu ou não, que tal perguntarmos ao míster Lincoln Gordon?





#### Lá e cá

DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" (GB), COLUNA "PERISCÓPIO": "A ASSEMBLÉIA NACIONAL PORTUGUÊSA RATIFICOU, ONTEM — POR UNANIMIDADE — A CONVENÇÃO DE IGUALDADE DE DIREITOS E DEVERES ENTRE BRASILEIROS E PORTUGÊSES. AGORA, TUDO IGUAL, LÁ E CÁ"



#### O penalty do Alberto



O doutor Alberto Silva, governador "ad hoc" (êle vai escarafunchar dicionário para saber o que é isso) do Piauí, quis dar um gol em Pelé, fez foull e terminou sofrendo penalty. De

Terezina chegam os jornais com a *gaffe* do Alberto.

O Santos ía jogar lá, Pelé adoeceu, já tinham sido vendidos milhões de ingressos, Alberto suspendeu a partida. Os piauienses ficaram furiosos e Pelé se irritou:

 "O governador do Piauí está querendo é fazer política às minhas custas.

Numa próxima ocasião, vou ao Piauí para me apresentar ao povo de lá, que me quer ver jogar, e não por causa do governador, que só queria tirar fotografia comigo".

Que penalty feio, doutor Alberto!



O generalíssimo Franco está comemorando 35 anos de poder absoluto. Seus correligionários imprimiram milhões de "tarjetas" (cartões postais) de fidelidade ao caudilho. E os jornais e revistas anunciam a "operação tarjeta". Para quem interessar possa, aí está o cartão postal. É só preencher.

#### Apelação



Mudando-se para Brasília, a representação diplomática americana anunciou sua disposição de vender o belo casarão que servia de residência, na rua S. Clemente, para o Embaixador de Tio Sam. Um jornalista carioca, Fernando Leite Mendes, lamentou a venda do imóvel, cercado de frondosas árvores e lindo jardim, achando que uma emprêsa imobiliária iria logo transformar a mansão num edifício de 20 andares. Até aí, nada de mais. Incrível é que o governador da Guanabara, recebendo o enviado especial de Nixon, tenha feito um apêlo ao govêrno americano no sentido de que reconsidere sua atitude e não se desfaça do imóvel. O sr. Robert Finch, enviado de Nixon, prometeu levar-o apêlo do governador carioca ao Departamento de Estado, mas afirmou que não via muitas chances no seu atendimento. No dia seguinte, conversando com alguns reporteres, Finch mostrava-se surprêso, aliás, agradàvelmente surprêso e explicava: "De um modo geral, o que ouvimos são apelos para que nos retiremos dêste ou daquêle lugar. Eu vou dizer ao presidente Nixon que o Rio de Janeiro é o único lugar no

# Contra quem?



Sob o título "Raposa depilada", o jornal "O Globo" publicou editorial, em sua primeira página, que lemos e relemos e não conseguimos descobrir o seu enderêço. Será que algum leitor poderá nos ajudar? Eis o bicho:

"A irreverência de nossos dias não respeita ídolos. So m o s iriconoclastas a esbarrar desastrada ou intencionalmente nas imagens de nosso culto. Sadismo exterior na aparência, masoquismo na realidade, porque cada ídolo tombado continha um pouco de nós em essência sublimada: bravura, inteligência, sagacidade, também vícios, como implacabilidade impiedosa e outros que não é mister citar.

O fato é que êles se vão em cacos no roldão da memória do homem dito civilizado. Nem a Rapôsa do Deserto — o Von Rommel — livrou-se da fúria destruidora dos inimigos dos mitos. Amor à verdade? Talvez mais que necessidade política de heróis escalpelados e destumbados.

Como fenômeno de autoagressão, a derrubada dos
ídolos merece análise psicológica. Que partes de
nós mesmos — como indivíduos, como personalidades — queremos alcançar? Afinal, embora a causa fôsse má, parecia eng r a n d e c e r o homem,
alguém cujo talento militar, na época da impessoalização da guerra, mereceu
alcunho de Rapôsa. O ho-

mem em Rommel vencera o deserto, sobrevivera, e lutara nêle como no mar, resolvera todos os problemas logísticos e de movimento da guerra no areal infinito. E só quem viu o deserto fulvo pode estimar a proeza dos Rommels e dos Montgomerys.

Embora na guerra, a imagem do homem tal como é vista pelo homem se engrandeceu. E agora, com a inconoclastia dos documentadores da verdade? O general alemão não era, não senhor, nada daquilo. Era um homem que ficava em panico . . .

Quem será a próxima vítima? Quem vai ser revisto, com perda de admiração? Na sua fúria contra si mesma, a confrontação — ou terá outro nome? — revira os heróis pelos avessos, desmoraliza as Jeanne D'Arcs, avilta todos os carismas.

O homem está proibido de ser super-homem. Nada além da adição de figuras na multidão.

Os senhores da guerra ou da paz, da política ou do Amor, que se cuidem, pois nada lhes será perdoado nem poupado."

#### Engenharia

Alguns anos atrás fêz-se um grande movimento de opinião pública alimentado por seminários, livros, entrevistas, debates e discursos – tudo "em defesa da engenharia nacional". Naquela ocasião o grande perigo, dizia-se, era a competição de emprêsas estrangeiras que estavam roubando obras e projetos de nossas firmas. Agora, que a engenharia nacional venceu a batalha, cremos chegada a hora de uma nova campanha, desta vez em defesa do povo. Que está sendo esmagado por tantos desabamentos.

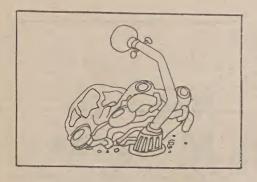


 $\mathsf{cm}\ 1\ 2\ 3\ 4\ 5\ 6\ 7\ 8\ 9\ 10\ 11\ 12\ 13$ 

mundo em que os

americanos são instados

a manterem uma base"



#### Editorial

"É, em verdade, uma tarefa infindável. Mas estamos aqui para continuá-la. Nossa tarefa de homem é encontrar algumas fórmulas que acalmarão a angústia infinita das almas livres. Cabe-nos recoser o que se rasgou, tornar a justiça concebível num mundo tão evidentemente injusto. Naturalmente, trata-se de uma tarefa sobre-humana. Mas chamam-se sobre-humanas as tarefas que os homens levam muito tempo para realizar, é tudo". (ALBERT CAMUS, que só não escreveu para POLITIKA porque o trânsito da França é tão ruim quanto o nosso e êle se acabou em um poste. Apagando as luzes. Logo êle que, iluminando caminhos, foi um acendedor de lampiões).



#### nobel da cruz



O Brasil perdeu a guerrinha de Estocolmo, mas não vai perder a de Roma. Os mais fortes candidatos ao Premio Nobel da Paz, êste ano, eram Willy Brandt, da Alemanha, e Dom Helder Camara, do Brasil. Mas como a América Latina levou o Nobel de Literatura, com Pablo Neruda, enfraquecemos nossa jogada na área da paz e o primeiro-ministro alemão ganhou a guerra.



Uma coisa que vocês não sabiam (êste é um furo de POLITIKA, semanário, que, como tal, não tem nenhuma obrigação de dar furos): a candidatura de Dom Helder ao Nobel da Paz foi apresentada pela

Academia Brasileira de Letras em sua quase unanimidade (só não assinou quem não estava no Brasil, na ocasião). A primeira assinatura foi do presidente Austregésilo de Athayde. A segunda, claro, de Tristão de Athayde.

Agora, resta a guerrinha-santa do Vaticano. Vai haver até o fim do ano um nôvo Consistório. O Consistório, como o nome está a dizer, consiste na reunião de todos os cardeais. Como alguns morreram ou se aposentaram (cardeal é como acadêmico, só se aposenta na última guilhotina), vai haver a noemação de novos cardeais. É o Brasil tem dois candidatos certos: Dom Avelar Brandão, da Bahia e Primaz do Brasil, e Dom Evaristo Arns, de São Paulo. Como os antecessores deles eram cardeais, não há dúvida de que virão de Roma mais vermelhos do que já foram. Quer dizer: vermelhos de solidéo e meia, e vermelhos de man-

Mas não se surpreendam se Dom Helder sair

também cardeal agora. A Igreja é monárquica. Ela seus príncipes pela importância dos principados. Ora, se Pôrto Alegre, que é menor, tem cardeal, por que Recife, que é maior, não terá? E o Padre Helder (como êle se chama) não seria apenas o cardeal do Recife. Porque há muito êle se fêz o apóstolo magricela do terceiro mundo.



Mário Enrique Simonsen , bom de bola, bom de canto (lírico) e bom de cálculo provou que é o homem de visão-71 defendendo a necessidade de um modêlo político (um PND diferente, ou seja, Plano Nacional de Democracia) para o Brasil. Seria, como convém, um plano gradualista, mas ao contrário da desinflação, ou seja: iría-mos inflacionando aos poucos o debate político, até atingirmos uma taxa razoável de desenvolvimento democrático. Quando o produto político se tornasse menos bruto, o Produto Nacional Bruto já teria ultrapassado a barreira do subdesenvolvimento. Segundo o modêlo de Simonsen haveria uma correlação (efeito de demonstração) entre o desenvolvimento da segurança e a segurança do desenvolvimento. Dito assim o modêlo político de Simonsen perde um pouco de sua graça. Bom mesmo é estudá-lo nas fórmulas matemáticas com que o economista o desenvolveu. E de onde retirou esta conclu-são definitiva: "A democracia é uma raiz quadrada".

#### **Trânsito** mede a importância de interrompido



O trânsito, no Rio de Janeiro, só não é pior que o de São Paulo. Mas as duas cidades são, seguramente, as mais engarrafadas do mundo. Nenhuma das duas cidades consegue, contudo, ter na direção do Trânsito um técnico no assunto. Quase sempre são nomeados militares que só muito tempo depois de empossados (e de muitas viagens ao exterior) conseguem uma razoável informação sôbre o problema. E quando atingem o ponto em que já podem ser considerados técnicos no assun-to, são demitidos. Foi assim com Fontenele, acaba de ser assim com Celso Franco. Outra curiosidade é a origem dos militares escolhidos. Celso Franco era da Marinha. Seu substituto é da Aeronáutica. Deve ser porque as ruas do Rio ficam submersas, quando chove, e porque os carros voam quando as ruas

#### OEA, FMI e Hélio



A "Carta da OEA" informa:

a) – em 1970, o Brasil comprou
890 milhões de dólares nos Estados
Unidos (31% do total de suas
importações);
b) – em 1970, o Brasil vendeu

648 milhões de dólares aos Estados Unidos (23,9%do total de sua s exportações). O "Fundo Monetário Interna-

cional" (FMI) informa:

a) – A América Latina pagou a mais, nos últimos cinco anos, pelas importações realizadas, 2,7 bilhões de dólares (15,2 bilhões de cruzeiros novos, ou seja, 15,2 trilhões de cruzeiros antigos); b) – O Brasil e a Venezuela fo-

ram os países mais afetados por essas importações;

c) na reunião dos técnicos dos Bancos Centrais do Continente, analisou-se "com evidente preocupação" a situação das nações latino-americanas, devido ao aumento dos preços de importação e deterioração nos de exportação. Engraçado. Parece que a "Carta da OEA" e o "Fundo Monetário Internacional" estão trabalhando para o Helio Fernandes. Tudo isso que êles dizem as em cima é nada mais nada menos, o que o Hélio vem dizendo há anos na sua corajosa e briguenta (o símbolo é o galo de briga) "Tribuna da Imprensa".

#### coroada Promoção

Promoção é como bandeirinha em jogo de Fla-Flu: ou ajuda muito ou atrapalha muito. Tem muita gente querendo ajudar o Brasil Grande, mas de tal jeito que acabam diminuindo. Porque a Biblia já ensinava que quem não sabe rezar, xinga a Deus.

Dois jovens competentes resolveram mostrar como se promove um país. Coroaram uma editora (a CROWN) e lançaram primeiro "As Instituições Financeiras do Brasil", de autoria do professor Herculano Borges da Fonseca, diretor do Banco Central: O livro, em portugues, inglês e frances, mereceu os maiores elogios do "Times", do 'New York Times", do Fundo Monetário Internacional, e adjacências. Era um retrato em três dimensões lingüisticas, do sistema financeiro do Brasil

Nas asas do sucesso (como diriam os beletristas) voaram mais longe. Encomendaram ao general Edmundo de Macedo "As Instituições de Soares Indústria e Comércio do Brasil", uma radiografia, também em português, inglês e francês, do que já somos industrial e comercialmente. O livro sai agora em dezembro e já vieram pedidos, desde a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, até o gabinete do Rei Hiroito, em Tóquio.

Pois a CROWN já tem, para 1972, um projeto maior ainda: "Brasil, Exportação e Importação", um livro do ministro Vilar de Queirós, assessor internacional de Delfim Neto. Quem quiser saber, aqui e no ultramar, a última barbada da exportação e da importação, vai ter que perguntar a Luiz Fernando Freire e Haroldo Costa. Porque o livro que êles vão editar dará tudo (mas tudo mesmo) o que exportamos e importamos. Em várias línguas.

É o que se chama uma iniciativa coroada de êxito.

10 12 16 18 19 20 21 22 23 24 25 26 11 cm



A SANDARA BARANTAN DA PARAMETAN DA PARAMETAN

NUMA ENTREVISTA SENSACIONAL, CONCEDIDA
AO JORNALISTA ROBERTO MENEZES,
O FAMOSO PE. MELO DEFENDE E ATACA
ORGÃOS DO GOVÊRNO, JUSTIFICA A PARTICIPAÇÃO
DOS MILITARES NA POLÍTICA, ABRE FOGO
CONTRA OS PADRES CABELUDOS E SUGERE
QUE O VERDADEIRO EVANGELHO PREGA A UNIÃO
DO "PEQUENO PRÍNCIPE" COM "O PRÍNCIPE" AO DIZER:
"SEJAMOS SIMPLES COMO AS POMBAS
E PRUDENTES COMO AS SERPENTES".

Roberto Menezes

Padre Melo, sem papa na lingua:

# Igreja é firme, clero alienado



POLITIKA — Padre melo, como vai a reforma agrária no Brasil?

PADRE MELO — Quando se fala em reforma agrária no Brasil, assim de maneira tão genérica, se está querendo é a anti-reforma. A reforma agrária é o remédio para uma doença e só deve ser aplicada onde a doença existe. Assim, ela deve ser feita nas regiões do Brasil onde há o latifúndio improdutivo, explorador e anti-social. O que se deve falar mesmo é de reformas agrárias, que serão tantas quantas necessárias se façam.

está fazendo isso? PADRE MELO - Acho que sim. O INCRA desapropriou áreas de tensão em várias regiões, regularizou e legitimou a posse da terra nos pontos de atrito do Paraná, Pará e Ceará. Colocar o dedo no suspiro do latifundio, onde quer que êle se manifeste contra os que vivem na terra e da terra, é reforma agrária. E é o que se está fazendo no Brasil de hoje. POLITIKA - Sua oposição ao extinto IBRA foi muito forte. PADRE MELO - Minha radical e conhecida oposição ao finado IBRA se prendeu, principalmente, a um só ponto: O IBRA entendia que se devia fazer um plano nacional de reforma agrária. E enquanto êste plano não fôsse feito, êle não tinha obrigação de atuar em qualquer caso de luta pela terra, que era logo classificado como "um caso isolado". Como não tenho o direito de achar que eram burros os homens do IBRA, preferi classificá-los como cheios de má fé e que inventaram a história do plano nacional de reforma agrária para deixar o latifundio intocável. Eles ofereciam o irrealizável em troca do realizável. Era a própria filosofia do conto do paco que inspirava o IBRA. Quem fala em reforma agrária nacional é para iludir

POLITIKA - E o INCRA



Igreja é firme, clero alienado





# A revolução substitui estruturas estreitas, privilégios de grupos

POLITIKA — A colonização pode ser uma alternativa -a reforma agrária?

PADRE MELO - Não. O Brasil precisa de colonização para ocupar seus espaços vazios. E precisa também de recolonização, que significa distribuir melhor certos incentivos a determinadas áreas, e de um plano global de assistencia à agropecuária. Já a reforma agrária não exclui nem inclui êsses outros aspectos. A reforma agrária é um pedacinho dentro da realidade agrária do país; é coisa humilde, pequena, doméstica. O que é tão claro e evidente só pode ser confundido por má fé. É por isso que estou muito satisfeito com o INCRA, que acabou com a consciência organizada de sabotagem prática e intelectual, tão característica do finado IBRA.

POLITIKA — Por que sua briga com o GERAN na área da cana de Pernambuco?

PADRE MELO - Apoiei o GERAN com todo entusiasmo, até o momento em que se mudou o "E" de Executivo para Especial. Não foi uma mudança apenas de nome, mas também de perspectiva, de filosofia. Fiquei contra o GERAN porque fico contra qualquer órgão que não seja executivo na área rural, de modo especial no Nordeste. O problema da área da cana nordestina já foi suficientemente agitado, estudado e planejado. A hora é de fazer. Planejar agora é entrar no círculo vicioso de fazer o plano na execução no lugar da execução do plano. O GERAN, por nada executar, é perverso e desvir-

POLITIKA— Um livro seu, publicado no ano passado nos Estados Unidos, fala de problemas agrários e de outros assuntos da atualidade brasileira. Trata-se de uma série de entrevistas que receberam o título de "A Revolução que está chegando ao Brasil". Poderia explicar em que consiste essa revolução?

PADRE MELO — A revolução brasileira é um processo, que não começou nem terminou quando eu comecei ou terminei meu livro. O próprio título do livro não me satisfaz porque uma revolução não é uma coisa que ainda vem ou deixe de vir. O livro é uma análise do que

foi feito, do que está se fazendo e do que se fará na revolução brasilei-

Esta revolução, cuja etapa mais bela estamos vivendo, é um processo de substituição de estruturas estreitas, privilegiadoras de grupos, por uma formação comunitária, onde todos os brasileiros participem, a cada momento, não só do preço mas também do lucro do desenvolvimento do país. O processo da revolução brasileira começa a sua fase de ocupação do poder através de uma infiltração bem planejada e criteriosa, feita por verdadeiros e autênticos grupos, civis e militares, comprometidos com o destino do povo.

POLITIKA — No seu livro há uma referência a um grupo de militares nacionalistas que estariam para ocupar o poder no Brasil.

PADRE MELO - Os militares nacionalistas já estão pràticamente no poder. Não tanto como pessoas físicas (isso não interessa) mas como um programa. Tudo aconteceu depois daquela minha previsão no livro: as 200 milhas marítimas, o Plano de Integração Nacional paraconquistar a Amazônia, a colonização pioneira, a política externa com abertura para os povos pobres, etc. E os militares nacionalistas continuam conspirando 24 horas por dia, onde quer que estejam colocados, para que o programa de emancipação nacional seja rigorosamente cumprido. Tal influência vai se acelerar ainda mais, até a completa reforma da arcaica estrutura sócioeconômica do país. Ninguém deterá no Brasil e na América Latina o avanço dos militares para o poder, aliados aos civís que com êles colaboram para o desenvolvimento, tão retardado por governos de aparência civilista, mas que só fizeram se servir da disciplina dos militares e do respeito dêles a um falso sistema democrático, para levá-los a agirem como testas de ferro de interêsses estranhos às nossas pátrias.

POLITIKA – Padre Melo, a batina não é um "preconceito burguês"?

PADRE MELO — Continuo usando tôdas as vestes e conservando os atos tradicionais do clero. Não mudei nada dos meus hábitos eclesiás-





Padre Melo

ticas.

ticos porque entendo que a reforma da Igreja, que deve ser feita com profundidade e rapidez, só será autêntica se conduzida por padres austeros e de hábitos duros, pois o nosso povo começa a desconfiar dessas reformas quando vê a mudança no comportamento dos padres.

As mudanças nos hábitos internos e externos do clero dão uma triste impressão de leviandade e profanação do sagrado. Ao lado de uma Igreja florescente e renovada,

# A Igreja modernase profanizou

temos a infelicidade de estar com um clero, na sua maioria, profanizado, com os padres descendo de sua dignidade de líderes religiosos para apresentarem-se como bons garotos de cabelos compridos e calças justas. Eles não se decidiram por uma igreja do povo e de Deus, perderam a segurança que a Igreja lhes oferecia em outras épocas, e se comportam como o pequeno-burgês vacilante e acomodado, tão característico do século XX: farras, boas bebidas, violão no ombro e cigarrinho no bico

A verdade é esta: estamos vendo uma Igreja firme com um clero tristemente vacilante, pequeno-burguês e alienado, que protesta não contra os males do século — que com o século êles concordam em suas vidas práticas — e sim contra a perda dos privilégios com que eram distinguidos numa antiga e equivocada posição da Igreja.

PÓLITIKA — Sua fama no país inteiro é de um homem sagaz e muito hábil, que consegue seus objetivos através de manobras maquiavélicas que serviriam dylição ao próprio PSD mineiro. Por isso, a direita e a esquerda o vêem com desconfiança, e se comenta por aí que o vigário do Cabo é o mais perfeito discípulo de Maquiavel no Brasil. É verdade?

PADRE MELO - Eu sou discípulo mesmo é de Jesus Cristo. Mas, quando Ele diz no Evangelho: "Sejamos simples como as pombas e prudentes como as serpentes" é uma dica para que sigamos "O Pequeno Príncipe" de Saint Exupery e "O Príncipe" de Maquiavel, que não se excluem como muita gente pensa. Jesus lamentou também que os filhos das trevas sejam mais espertos em seus negócios que os filhos da luz. Assim, entendo que não só temos o direito, mas sobretudo o dever, de conduzir bem o nosso ideal de vida, sendo simples como os simples ("O Pequeno Príncipe") e espertalhão e meio com os lobos (o grande príncipe de Maquiavel). É o legítimo direito de defesa. Mas, tudo deve ser em função de objetivos altruísticos e por razões altruís-





COM POUCAS HORAS DE DIFERENÇA E DIANTE DO MESMO REPÓRTER DOIS POLÍTICOS PREVIRAM, EM JULHO DE 1961, A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS. LAMARTINE TÁVORA E ETELVINO LINS, AMBOS SAINDO DA GRANJA DO TORTO ONDE RESIDIA O VICE-PRESIDENTE JOÃO GOULART, TIVERAM A MESMA INTUIÇÃO. O CURIOSO É QUE JANGO, O GRANDE BENEFICIADO COM A RENÚNCIA DE JÂNIO, NÃO TINHA INTUIÇÃO DE NADA. E PROVOU DEROIS QUE SEU FORTE NÃO ERA INTUIÇÃO

Ormeu Fontenele



# JÂNIO ERA IMPREVISÍVEL RENÚNCIA, NÃO

Quando a capital foi para Brasília, Ormeu Fontenele foi também. Editor político das sucursais do "Jornal do Comércio", do Recife, do "Diário Carioca", do Rio, e de jornais mineiros, viveu o dia a dia dos primeiros anos de Brasília.

Juscelino, Jânio, Jango, os presidentes eram sua tarefa diária de serviço. E a Câmara. E o Senado. Seu depoimento é um depoimento para a história. Que êle viu, e escreveu, como profissional acostumado a sentir nos fatos, aparentemente desimportantes, o cheiro do amanhã.

RA UM SÅBADO em fins de julho. Tínhamos, eu e o deputado Lamartine Távora, ido à Granja do Torto, conversar com Jango sôbre a sucessão governamental de Pernambuco e apresentar ao Vice-Presidente da República solidariedade pela atitude que tomara, mandando a Jânio Quadros, na véspera, uma carta (redigida por San Thiago Dantas e Almino Afonso) de crítica à decisão do presidente Quadros de dar publicidade escandalosa a um processo de investigação sôbre o SAPS, no qual o nome do vice-presidente fôra envolvido. Na sexta-feira o sr. João Goulart recebera na Granja do Torto não só parlamentares do seu partido, o PTB, como também, políticos do PSD e de outros partidos, menos UDN e PL.



JÂNIO ERA IMPREVISÍVEL MAS A SUA RENÚNCIA, NÃO





# "Não se afaste de Brasília por mais de 24 horas", ouviu Jango

Tínhamos almoçado na casa do deputado Armando Monteiro Filho (PSD-Pernambuco), em companhia dos Deputados Etelvino Lins e Milvernes Cruz Lima. Todos de Pernambuco e do PSD, menos o Lamartine. A candidatura do sr. Armando Monteiro estava sendo articulada já a algum tempo, não tendo por ela se empolgado muito o sr. Etelvino Lins. No almôço concordamos em que a oportunidade para uma conversa com João Goulart sôbre o problema, seria

A pedido do dono da casa, o repórter e o deputado Lamartine Távora foram ao Torto para saber da conveniencia de uma conversa de João Goulart com os srs. Etelvino Lins e Armando Monteiro. De preferência para aquêle mesmo dia.

No Torto encontramos o Vice-Presidente (perto de 15 horas) descansando. Estava só, acompanhado, apenas, do seu pilôto particular. O Vice-Presidente entrega-me a nota que distribuíra, no sábado pela manhã, sôbre o episódio com Jânio.

O episódio da carta é conhecido. Janio, sem ler, devolve a carta do Vice-Presidente, havendo entre o Presidente e o portador da carta (Almino Afonso), um diálogo áspero. Transformava-se, assim, o caso de investigação sôbre delapidação do patrimônio público, em episódio político.

O Vice-Presidente mostra-se satisfeito com o desfecho e com o número de pessoas que foram ao Torto solidarizar-se com êle. Lamartine conta o objetivo segundo de nossa visita. Jango não se faz de rogado. Pede, apenas, que o encontro se realize à noite, no mesmo dia. O local: a Granja do Torto.

Ainda conversamos por vários minutos. Ao nos despedirmos, o sr. João Goulart pergunta para onde vamos. Para o centro. Pede, então, que o deixemos na SQ 206, Asa Sul. E dá ordens ao seu pilôto para que o chofer vá buscá-lo, mais

#### NÃO SE AFASTE DE BRASILIA

Tínhamos ido ao Torto no meu pequeno Gordini. O Vice-Presidente senta-se à frente. Passo o volante ao parlamentar meu amigo. Saimos do Torto perto das 17 horas rumo à

cidade. Chovia muito em Brasília. O Vice-Presidente faz algumas perguntas de caráter pessoal. Depois disso, Lamartine Távora, sem se descuidar do volante, e, voltando a comentar o episódio da carta, diz em tom de advertência ao sr. João Goulart

"Presidente, a impressão que todo mundo tem é que o Presidente Jânio Quadros vai terminar renunciando. E se o senhor estiver a 24 horas de Brasília não toma posse'

Jango sorri. E pergunta: "Por

-- Porque êle (Jânio) se renunciar é para dar o golpe e voltar ao Govêrno antes de sua chegada a

Jango tinha o costume de passar vários dias e às vêzes semanas longe de Brasília. Como Vice-Presidente, exercia êle a Presidência do Congresso. Mas, parece, não se importava muito, pois, suas ausências da Capital eram prolongadas e frequentes. Até mandar-se para a China . . .

Combinado o encontro de Etelvino Lins, Armando Monteiro Filho e João Goulart, para aquêle mesmo sábado, às 21,30 horas, voltamos ao Torto, naquela noite. Dessa vez, Lamartine não estava. Apenas o repórter, e os deputados Armando Monteiro e Etelvino Lins. O Chefe político do PSD ao chegar ao Torto apresentou o jovem parlamentar ao Vice-Presidente. A conversa transcorre amena, falando-se sôbre o episódio da carta.

Jango, que já estava informado do objetivo da visita olhava com frequência e curiosidade para Armando Monteiro Filho, com quem estava tendo seu primeiro

encontro.

Depois das amenidades próprias trocadas entre visitantes e visitados, Etelvino Lins - àquele tempo um fumante inveterado —, já mais à vontade, diz ao sr. Goulart: "aqui está, presidente o nosso candidato ao Govêrno de Pernambuco" (sucessão de Cid Sampaio). E continua mostrando a necessidade do apoio do PTB à candidatura pessedista. Mestre na analise dos fatos políticos, Etelvino desenvolve um raciocínio pelo qual Armando Monteiro seria imbatível, até por Arrais, o fantasma que estava assustando as classes produtoras.

Jango ouve calado. E ao fim da análise feita pelo sr. Etelvino Lins. recomenda êle que os entendimentos se processem dali por diante com o chefe do PTB de Pernam-

buco, senador Barros de Carvalho. Mas esta é uma outra histó-

Conversamos, ainda, por alguns minutos. Despedimo-nos do sr João Goulart quase à meia-noite.

E à saida da Grania do Torto, quando o carro do sr. Armando Monteiro transpunha es frágeis portões da residência do Vice, Etel ino Lins, profético, afirma em voz baixa, como se estivesse monotogando:

"Jango é um homem de sorte. Vai terminar Presidente da República. Não dou um ano"



Armando Monteiro





Etelvino Lins

19 26 10 11 12 18 20 21 22 23 24 cm



NIXON PROVOCA A PLURALIDADE DOS POLOS

DE PODER E O FIM DA POLÍTICA DE IALTA

ONDE ESTAVA SUBJACENTE A DIVISÃO

DO MUNDO EM ZONAS DE INFLUÊNCIA. O FAMOSO

IMPÉRIO AMERICANO AFINAL NÃO ERA IMPÉRIO

POIS NENHUM ATÉ HOJE NA HISTÓRIA RENUNCIOU À

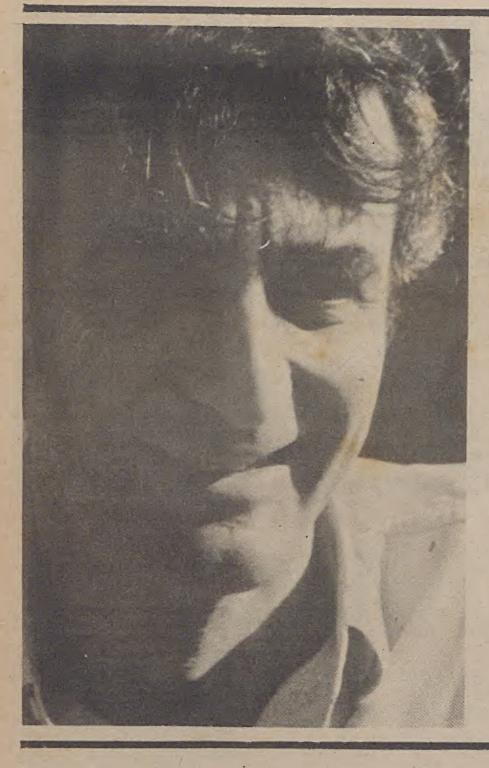
PRETENSÃO DO DOMÍNIO UNIVERSAL. ESSA

PRETENSÃO EXISTE HOJE APENAS NA UNIÃO

SOVIÉTICA, UM IMPÉRIO-TIPO NA VORACIDADE, NO CENTRALISMO

AUTOCRÁTICO, NO DOMÍNIO DAS SUAS PROVÍNCIAS.

Paulo de Castro



# Greening of America

There is a revolution coming. It will not be like revolutions of the past. It will originate with the individual and with culture, and it will change the political structure only as its final act. It will not require violence to succeed, and it cannot be successfully resisted by violence. This is the revolution of the new generation.

Charles A. Reich

# NOVA REVOLUÇÃO VEM DA AMÉRICA

The property of the property o

NOVÁ REVOLUÇÃO VEM DA AMÉRICA





# O amor à pátria e à religião, na América

sempre esteve ligado à defesa da liberdade

DECLARAÇÃO DA INDE-PENDÊNCIA e a CONSTI-TUIÇÃO representam os únicos textos verdadeiramente sagrados para todos os norteamericanos. Estão na Biblioteca de Washington, num santuário sempre iluminado e aí, na sua simplicidade e na sua grandeza, está o centro da emotividade política de um povo feito de todos os povos, mas inconfundível; de um materialismo por vêzes irritante mas de um idealismo que vem do fundo dos séculos e que os séculos não consumiram. Povo generoso e egoísta, como todos, mas situando-se um pouco nos extremos e por isso podendo despertar mais que outros uma extrema simpatia e uma extrema repulsa, êsse movimento pendular encontra-se já na Declaração da Independência e na Constituição que faz apêlo às leis absolutas da Natureza e de Deus, define princípios fundamentais em relação à Liberdade e ao Bem não apenas dos norte-americanos, mas de todos os homens; e a Constituição que é um ato, e não uma declaração de princípios abstratos, preservando na essência os mesmos princípios, mas um instrumento de govêrno, com objetivos limitados. A Declaração da Independência estabelece princípios moralmente otimistas e absolutos, a Constituição, sempre insistindo sôbre a liberdade, procura contudo definir-lhe os contôrnos e assegurála, assim como ao bem estar geral, "para nós e a nossa posteridade" ou seja, antes de tudo os norte-americanos, sendo isto perfeitamente humano como perfeitamente claro. Estas e outras tendências coexistem, por vêzes entram em conflito. e algumas vêzes chegam a um ponto de quase ruptura. Mas aí, como no caso hoje do Vietnam, os princípios absolutos prevalecem e por um transcendente paradoxo, a Declaração de Independência que não é um documento de govêrno, inspira nas suas profundas nervuras os atos do govêrno, a retirada de fôrças e a excomunhão da guerra, porque representa a natureza profunda da América, tantas vêzes perdida no turbi-Ihão de um grande Império moderno, e triturada nos interesses gigantescos perante os quais a própria

Europa é um mundo admiravelmente belo, mas dolorosamente peque-

Império sem dúvida são hoje os Estados Unidos. Mas um historiador atual dotado não apenas de instrumentos de precisão, mas também de um mínimo de intuição - como foram em alto grau um Polybio e um Tocqueville - verifica que em virtude da sua estrutura industrial, do seu poder, da sua inserção profunda e global no mundo, e da sua estrutura democrática, Washington não precisa de ser um Império, e começa a deixar de ser um Império, aceita e suscita outros polos de equilíbrio mundial (viagem de Nixon à China), quebra a bipolaridade de lalta que tinha subjacente uma partilha de zonas de influência de âmbito planetário; retira as fôrças militares do Vietnam (um Império não retira fôrças e o exemplo é dado pela União Soviética em todo o Leste europeu e na Mongólia Exterior); propõe ainda com Eisenhower o programa de "céus abertos", ou seja, a inspeção mútua e mútuo contrôle de todos os armamentos nucleares e convencionais, acompanhando a proposta de um esquema de desarmamento gradual, tudo isto enquanto em Moscou tudo é "fechado" as coisas como as pessoas e até as necessidades ou divertimentos dos animais parece constituírem segredos de Estado

Roma evoluiu da diferenciação do mundo para a homogeneidade e para a hegemonia, Washington evolui da homogeneidade e de uma hegemonia fatual embora não voluntàriamente consciente, nos últimos 25 anos (lapso històricamente desprezível), para a aceitação da pluralidade, da diferenciação, da visão do mundo como criação proteiforme, vivificadora, inventiva e ágil, ao contrário dos impérios com o seu sentido pesadão e sumário da existência. Tal como os navegadores que ao errarem uma rota descobriram continentes, os Estados Unidos aos se perderem de rota no Vietnam, redescobrem que a sua índole como a sua concepção do



Roosevelt

## Nas crises princípios prevalecem

mundo é outra, e procuram encontrar as antigas fontes de onde jorraram seus valôres perenes: a liberdade religiosa, a liberdade política,

o Estado jurídico, valôres que permitem tôdas as transformações pacíficas e estão no cerne de tôdas as transformações da América e que fazem da América um grandioso modêlo democrático.

Sim, a América tem imensos ridículos, imensos erros e não podemos atenuar negrumes sem falsear verdades. Mas, se há ainda uma esperança de nesta grande crise de civilização o homem poder sobreviver livremente, onde encontrar essa esperança sem a América?

#### Os Nervos da dignidade

Esta América nas suas linhas de clivagem tem alguns sinais indeléveis e que vincaram a sua fisionomia. Nos grandes debates atuais essas linhas estão presentes.

Os norte-americanos conseguiram evoluir do puritanismo para os prin-

cípios da filosofia das Luzes, afastando-se do estrito calvinismo, isto é, de um sistema com fortes incidências teocráticas e absolutistas. Isto teve uma importância imensa na história da América.

A conexão da liberdade ao amor da Pátria e da religião foi desde o início um dado permanente, uma constante da seiva nacional.

Jonathan Mayhew, nos seus "Sermons to Young Men" (1763) fêz como homem religoso certamente um dos mais coerentes e sistemáticos esforços para fundamentar a liberdade, num sentido global, do homem em conceitos teológicos. A idéia de que o absolutismo e o ateísmo são por natureza anti-religiosos fêz escola nos Estados Unidos. Constitui a bem dizer um dos vetores da sua orientação espiritual (1). O liberalismo religioso bem como a diversidade religiosa fazem parte da tradição dos Estados Unidos. Isso permitiu confrontos úteis e estimulou o debate. Uma das desventuras da Península Ibérica foi não ter tido um protestantismo vigoroso (na verdade a sua índole foi tímida e apenas com fundamentos em Erasmo), assim como foi outra desventura a expulsão dos judeus. fenômenos intimamente ligados e consequência trágica da Decadência, do dessoramento econômico e do fanatismo.



cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



HANNAH ARENDT, CHARLES A. REICH E THEODORE ROSZAK SÃO OS TRÊS GRANDES SÍMBOLOS DA NOVA REVOLUÇÃO AMERICANA, NÃO-VIOLENTA, ANTITECNOCRÁTICA, LIBERTÁRIA E SUPREMAMENTE HUMANA. É A PRIMEIRA GRANDE REVOLUÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO EM TÊRMOS DE IDADE MODERNA' REPUDIANDO AS "REVOLUÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA, ISTO É, AS REVOLUÇÕES COMUNISTAS, A SUA IDEOLOGIA SUMÁRIA, A SUA TIRANIA INEVITÁVEL".

NOVA REVOLUÇÃO VEM DA AMÉRICA

## Pluralismo é o grande indicador

A pluralidade é, assim, um dos vetores dos Estados Unidos. O liberalismo religioso teve homens pitorescos como William Bentley que nos seus sermões contava histórias maravilhosas em que os tiranos evidentemente, sempre perdiam (num otimismo por igual maravilhoso) e grandes personalidades tal William Ellery Channing que criou, como hoje diríamos depois do Vaticano II, uma teologia do mundo e do progresso social.

O livre pensamento que se desenvolveu sem choques com os setores religiosos, tem em Joel Barlow um dos seus expoentes. É um racionalismo idealista e "parte do princípio de que não pode haver felicidade do homem sem a livre reflexão". No fundo, estamos neste como em todos os aspecto perante o que Louis Rougier designa por "dogma nacional da liberdade".

Um outro movimento que marca profundamente os norte-americanos é o do nacionalismo "Whig", ou seja, de natureza popular. Este nacionalismo representado por Daniel Raymond, Charles Jared Ingerssol, Carey e outros (2) procura defender os norte-americanos do domínio econômico da inglaterra, assim como da sua hegemonia cultural, repele as inversões esivas ao interêsse nacional, tenta disciplinar a remessa de capitais. Algumas destas páginas, sobretudo de Daniel Raymond, Ingerssol e Hamilton, parecem escritas por economistas da América Latina, sem qualquer coeficiente de ideologia como simples pedagogia dos fatos. Há páginas de Charles Ingersoll escritas em defesa do desenvolvimento dos Estados Unidos e contra o domínio economico da Inglaterra em 1808, isto é, no comêço do século passado, tem uma extraordinária identidade com os argumentos em favor do desenvolvimento atual da América Latina e dos entraves criados a êsse desenvolvimento pelos interesses norte-americanos (este esquema de argumentação é a de setores nacionalistas e democráticos da América Latina, a linha comunista sendo inteiramente diferente, pois implica a revolução, "pacífica" ou violenta, isto é, de uma forma ou outra, o domínio do partido comunista



Thomas Jefferson

# Seu espírito crítico repele falsos dogmas

como premissa a qualquer desenvolvimento. Os fatos provam o contrário com uma evidência que torna supérflua a demonstração, ou seja, trata-se de uma realidade apodítica. Pode-se dizer que o espírito norteamericano tem uma íntima repulsa pelo absoluto, e um sentido crítico natural. A insistência sôbre o espírito concebido como estrutura lógica objetiva limita o sentido do absoluto, o próprio Deus rodeado embora de tôda a devoção deixa de ser onipotente: religiões e filosofias exprimem no seu domínio próprio uma sociedade democrática, sem tradições de hierarquia feudal

Na verdade, para além das aventuras filosóficas de sentido crítico como as de Cohen, Perry, Whitehead, a tendência nodular do comportamento e da concepção do mundo norte-americano como veio a simbolizar-se no pragmatismo. "O pragmatismo, diz William James (3), "afasta-se resolutamente de todos os hábitos inveterados dos filósofos profissionais. Afasta-se das abstrações, dos sistemas fechados e com aspirações a um absoluto nas suas origens. A sua índole é empírica e racionalista, e manifesta-se contra dogmas, artificialismos, em favor do ar puro e livre e contra qualquer pretensão a fazer da verdade um dado a priori ou destinado a servir objetivos prèviamente definidos, estabelecidos e impostos"

#### A revolução americana

Êstes princípios contêm uma revolução permanente, a revolução permanente do capitalismo e da-sociedade democrática norte-americana dentro do quadro de legalidade. A legalidade nos Estados Unidos faz parte orgânica da Nação. Os Estados Unidos são o mais completo exemplo do respeito à legalidade já existente no mundo. Junto com os Estados Unidos vem a Inglaterra e a Alemanha Ocidental e só depois a França e a Itália. Do outro lado, a União Soviética, China, Cuba, e protetorados do Leste europeu, são o exemplo dos Estados autocráticos. São exemplos do que podemos chamar as revoluções pré-históricas, produtos de guerras, de caudi-Ihismo, de desesperos nacionais canalizados em favor de um partido e de um mito, logo geradores de novos desesperos.

Ora, precisamente a revolução norte-americana é da história em movimento, e não da pré-história hierática e sacral.

Essa revolução não é feita nem em função ou pretexto do desenvolvimento, nem por qualquer desespêro nacional. Uma breve estatística diz melhor do que longas explanações o que queremos dizer. Diz respeito à parte dos Estados Unidos na produção mundial:

(Fonte: Relatório da U.N.I.C.E., ou seja, da "Union des Industries de la Comunauté Européenne — 1970)

O poder econômico e financeiro dos Estados Unidos e a sua participação no mundo, e aqui agora especificamente no Terceiro Mundo, é simples ainda de ver com outra referência: importam 33% da bauxita mundial, 40% do níquel, 41% do estanho e 50% do café. Com os 130 milhões de toneladas de produtos petrolíferos os norte-americanos absorvem mais da metade da totalidade dos produtos-bruto exportados pelo Terceiro Mundo.

Contudo e apesar de tudo, e negando a metafísica subjacente ao materialismo histórico, os Estados Unidos vivem uma revolução interna, mas não de sentido pré-histórico, isto é, comunista, e sim em favor e defesa do homem e de uma melhor contextura de relações com os outros povos, sobretudo o Terceiro Mundo, embora rigorosamente contrários, os grandes teóricos desta transformação democrática e dentro das tradições nacionais (apenas contestando as suas adulterações) a qualquer solução que faça como diz o professor Theodore Roszak, "regredir o processo", isto é, a passar de um capitalismo avançado e democrático a uma "forma ossificada de viver e pensar" mediante uma tirania de qualquer lupen-marxismo sovietizado.

#### Hannah Arendt e a opção da América

Naturalmente, Thomas Jefferson é de longe o que está mais perto de algumas linhas — no plano das liberdades políticas — da nova revolução americana.

Quando afirmou que a um país sem imprensa e a uma imprensa sem país, preferia uma imprensa livre sem país, definiu por uma "boutade". o alvéolo de um dogma no qual, paradoxalmente, iria circular e proteger-se a vida do mais antidogmático dos povos. É o Dogma da Imaculada imprensa, talvez melhor da imaculável pela censura que até hoje constitui a própria essência da vida norte-americana. Que êste dogma continua em vigor prova-o o dramático episódio dos documentos secretos do Pentágono, cuja importância não reside nos documentos divulgados - em verdade em linhas gerais eram já conhecidas – mas no direito de os divulgar. Na União Soviética, China ou Cuba, com seus métodos de talhe fascista, a simples tentativa de divulgar um documento dêsse tipo seria a morte. A cada momento estabelecemos êste contraste para reflexão da juventude e para que os Estados Unidos sejam bem julgados, dentro de um critério de justica, o que implica equilíbrio e visão global.



NOVA REVOLUÇÃO **VEM DA AMÉRICA** 

O LIVRO DE REICH, "THE GREENING AMERICA" PODERIA TER POR SUBTÍTULO UMA PASSAGEM DE GOETHE: "TÔDAS AS TEORIAS SÃO CINZENTAS, SÓ A ÁRVORE DA VIDA É ETERNAMENTE VERDE". PARA O LIVRO DE ROSZAK, "THE MAKING OF A COUNTER CULTURE" QUE SE BASEIA NO ESPANTO CRIADOR DA JUVENTUDE PERANTE O MUNDO, PODERÍAMOS SUGERIR UMA VELHA VERDADE PLATÔNICA "A POESIA É FILHA DO SENTIMENTO DO ESPANTO"



# Libertação econômica não representa

Também, por outro lado, dentro i de uma rigorosa deontologia profissional, não julgamos que tudo deva ser divulgado, mas continuamos a pensar que o critério deve ser do jornalista, mesmo admitindo consultas e em casos de segurança nacional evidentemente limitações ou mesmo o silêncio. Tudo isso foi debatido nos Estados Unidos e se a opinião pública ficou do lado do "New York Times" é porque na realidade entendeu que não havia um problema de segurança nacional mas interesses políticos e carreiras políticas em jôgo. Mas em tôda esta opinião pública estava o dogma Jeffersoniano, circulava nas suas veias, rondava como a asa de um anjo antigo, a alma de cada norteamericano de manhã ao ler o "New York Times"

Tom Paine e seus "Rights of Man" aí estão novamente atravessando com a sua inesgotável seiva as universidades americanas.

Quanto já se escreveu sobre o cidadão Tom Paine! Howard Fast transformou-o até num personagem de romance, um perfil da liberdade, no perfíl de um homem. E depois, há fguem se surpreenda ainda por Howard Fast ter deixado o partido comunista norte-americano. Na verdade, como conciliar o seu fervor por Tom Paine e sua presença no partido estruturalmente anti-Tom

Mas hoje a grande caminhada da transformação da América começa, a meu ver, com Hannah Arendt.

Paine?

De origem judaica e de formação filosófica alemã, embora com uma cultura universal, Hannah Arendt definiu com toda a clareza a opção americana ao considerar que nos primórdios da revolução francesa oestava como idéia-fôrça mais um princípio de igualdade do que de liberdade (embora a liberdade fizesse parte integrante dos seus postulados) e que na revolução americana a idéia-fôrça é da liberdade. Assim, a Rússia revolucionária apoderou-se da rendência à igualdade da Revolução Francesa com desprezo total da liberdade; mais tarde, isto é, a partir da consolidação do stalinismo e com o néo-stalinismo atual, a própria idéia de igualdade foi suprimida em favor da nova classe burocrática)

Assim, ficou de um lado a América com a liberdade sempre renovada (e precisamente assistimos a uma grande fase de renovação) e completada pela Prosperidade, e do outro a

Rússia na sua metamorfose soviética, com uma igualdade adulterada e a liberdade esmagada, a rigor nunca admitida mesmo no início, desprezadas as eleições dos soviets (conselhos) por Lenine, a pluralidade de partidos, anulada tôda a autonomia de imprensa e das nacionalidades. Evidentemente que a anulação dêstes direitos viriam a traduzir-se num Estado autocrático, onde até o direito à emigração dos judeus foisuprimido, direito que existia mesmo no Estado osbcurantista da época dos tzares

Para Hannah Arendt (4) "infelizmente os revolucionários sempre preferiram a idéia da igualdade eà da liberdade que lhes ensina a história americana. Os revolucionários não querem entender, que sem a liberdade e o contrôle que esta noção admite e exige sôbre a sociedade, a própria igualdade está condenada a ser negada, desvirtuada, coagulada por uma minoria que assume o poder único e absoluto. Não é demais citar ainda uma vez essa frase que se tornou um aforismo: "o poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente" Hannah Arendt faz ainda uma observação importante, no que respeita a estrutura do seu pensamento ao afirmar que "libertação econô-mica não é o mesmo que libertação de um povo". Hoje, no Trâdo Mundo, deseja-se, e com tôda a razão, a libertação econômica, mas se não fôr realizada por meios democráticos, acabará por ser vicia-da, admitindo que seja possível. Segundo Hannah Arendt, Lenine foi o último herdeiro da revolução francesa e da obsessão da igualdade, tudo sacrificando a êsse mito. Mas porque tudo sacrificou e especialmente a liberdade, o que queria instituir, a igualdade, foi substituída por um nôvo sistema de privilégios. Hannah Arendt, sem desconhecer todos os lados pouco edificantes do comportamento dos Estados Unidos em relação ao Terceiro Mundo, defende, contudo, a opção primeira, que é a liberdade, "sem a qual nada pode ser construído na escala do homem'

Charles A. Reich e a mensagem dos

iovens

De um momento para o outro, Charles A. Reich, jovem professor da Yale University, com a publicação do seu estudo-manifesto, "The Greening of America" tornou-se celebre.(5)

Muito mais severo em relação à



sociedade norte-americana do que la jornalismo, os grandes padrões Hannah Arendt, e aceitando mesmo que o reformismo liberal falhou, não se afasta contudo dos princípios essenciais da liberdade tradicional, mas aproxima-se de uma nova visão da existência humana. A sua atitude em relação aos totalitarismos é a mesma de Arendt e do professor Roszak, que analisaremos em outro lance dêste trabalho.

A mensagem de Charles A. Reich seria incompreensível sem dois autores que o precederam na repulsa ao conformismo e na busca de um nôvo tipo de sociedade e de felicidade. David Riesman anunciou uma segunda revolução na história humana já em marcha nos Estados Unidos e "tende de começar nos Estados Unidos", sociedade da prosperidade. As possibilidades de comunicação de massa e de comunicação inter-pessoal aumentam em proporções gigantescas. Cada um está inscrito numa contextura de realções, os valôres e normas da família diminuiram de importância. O homem sente-se desligado, mas angustiado, e tal como a técnica foi outrora uma aspiração "progressista" hoje já se interroga sôbre os objetivos últimos da técnica e ao que conduz a morfologia tecnocrática. O homem é mais desenvolvido e mais angustiado. Voltar para trás? Ninguém pensa, aliás ninguém pode nem olhar, e o símbolo bíblico da mulher de Lot tem um valor perene.

Neste turbilhão desaparecem valôres e no que respeita por exemplo

que exigiam uma integridade e uma cultura são em muitos casos substi-tuídos pelos "colecionadores de fatos brutos, por incapacidade de uma elaboração, e pelo pitoresco uma espécie de perfume sôbre o vácuo".(6)

Na mesma ordem de idéias de inconformismo temos com menos angústia e um sentido irônico, a análise sobretudo do conformismo norte-americano na obra de William

H. Whyte Jr. (7) "Numa sociedade livre, diz Whyte Jr., dá imenso trabalho cultivar o conformismo. Mas dentro de certos limites podem ser obtidos êxitos, infelizmente. O autor explica: "Não confundo moral social e conformismo, disciplina no trabalho e conformismo. O que pretendo não é que o homem seja indisciplinado, mas que mantenha o senso crítico e que possa ser admitido numa organização estatal ou privada sem ter de responder de uma maneira falsa ao teste, rebaixando deliberadamente o seu nível mental, de forma a não causar suspeitas do que pensa por si. Naturalmente, em geral, êste ainda não é o caso, e pelo contrário, ainda se procura na América quem tenha de fato idéias. Este caso, pelo contrário, ainda se procura na América quem tenha de fato idéias. Este livro pretende manter esta tendência e evitar que a outra, que nada tem a ver com as nossas tradições, se imponha.'

19 10 12 17 18 20 21 22 23 24 25 26 11 CM





NOVA REVOLUÇÃO VEM DA AMÉRICA

# Reich vê importância de não-compromisso e consciência da individualidade humana

Passemos a Charles A. Reich. O que há de nôvo neste autor? É o apêlo à espontaneidade, a tendência a integrar na cultura e a considerá-lo de grande importância, um profeta da nova consciência americana" como o compositor Bob Dylan, os Beatles, a cantora Joan Baez, que expressaram sentimentos contra a guerra bem como os temas universais do amor, do desencanto. Tôda esta música tem para Reich um sentido de confôrto e de amor pelos desamparados e assim embora sem qualquer conotação racial, está impregnada do sentimento esparso, mas unido pelos laços invisíveis da angústia que envolve a comunidade negra e se transmite insensivelmente a tôda a comunidade nacional americana.

Reich assinala a importância dos "descompromissados", dos que não pertencem a qualquer partido e tem consciência da sua individualidade sendo êste o comportamento da juventude que na mensagem de Charles Reich é hipostasiada pelo seu grau de pureza mesmo quando não de sagidade. A juventude é mais honesta, diz Reich, temos que a educar tornando-a mais experiente sem lhe retirar o coeficiente de verdade interior. Temos que nos lembrar "do jovem que fomos e do que fomos perdendo: se nesta reflexão sentirmos alguma melancolia ainda podemos com esfôrço realizar-nos"

O livro de Reich é o nôvo evangelho dos jovens do seu espanto perante o mundo. Por isso mesmo é um livro poético, pois como nos disse Platão, "a poesia é filha do sentimento do espanto"

#### THEODORO ROSZAK E O CON-FRONTO DAS GERAÇÕES

A obra de Roszak é densa, em alguns pontos mais profunda do que a de Reich, mas participa do mesmo "espírito do tempo", inspira-se nos mesmos valôres e alguns de sentido intemporal, mas as raízes profundas estão no mesmo humus.

O confronto das gerações está no cerne do seu trabalho (8)

cm

Apesar de têrmos encontrado apenas na página 42, o capítulo, 'An invasion of centaurs" poderia a nosso ver, perfeitamente servir de introdução, melhor diríamos de propedeutica ao seu estudo. Assim diz Roszac:

"Se pensarmos na invasão dos Centauros evocada no frontão do templo de Zeus em Olímpia, compreenderemos um pouco do que queremos dizer (quanto a uma situação de perplexidade perante um nôvo fenômeno e a metódica de o conjurar ou diluir suavemente). Exasperados por mil motivos os Centauros apareceram nas festividades dos "civilizados", mas Apolo que simbolizava a cultura ortodoxa repreendeu os intrusos. Trata-se de uma ruptura de culturas". Mas o fato de que Roszak tenha escolhido Apolo e não qualquer deus da violência, isto é, que o próprio frontão do templo de Zeus em Olímpia tenha escolhido Apolo, indica que é pela luz, pela ciência, e, também a paciência, que se convertem os que querem representar da vida uma imagem diferente, e o simbolismo dos gregos de uma riqueza por-

Os jovens são um outro universo, diz Roszak, e entendê-los é a condição primeira de podermos encontrar-nos, pois que temos de encontrar-nos e não se trata de vincar antinomias, mas de conseguir uma convivência.

"Este livro, diz Roszak, diz respeito antes de tudo a América, mas todos sabem que o confronto de gerações tem um sentido internacional. Tal conflito não pode ser resolvido pela fôrça. O conflito de gerações é uma das constantes da vida humana. Não é uma novidade: a novidade é que os adultos de hoje pouco tenham aprendido dos seus 'colegas" de outros tempos. Também naturalmente a juventude pouco aprendeu, sob alguns aspectos, mas tem pelo menos a desculpa de ter nascido há pouco tempo - e ninguém pode confundir um adolescente com um adulto na responsabilidade dos atos. Temos que admitir que para o melhor ou o plor, a maior parte do que se passa hoje de nôvo, de estimulante, de criador é obra dos jovens ou sob o impulso dos jovens. Esses jovens não são operários e a sua renovação nada tem a ver com as revoluções préhistóricas (comunistas) e se na América Latina admiram um outro dêsses personagens - de passo fazendo-lhe críticas severas mas apenas em círculos fechados - é porque nêles vêem o estudante e não o antigo libertário e transformado por um processo trágico, em que os Estados Unidos têm a sua responsabilidade, no servo de um protetor".

Diz ainda Roszak: "a maior parte dos adolescentes, sobretudo quando através da sua rebeldia existe de fato um caráter íntegro e bom, pode adotar-se a um certo número de valôres, os melhores valôres dos adultos, mas para isso não se pode, como se faz em algumas escolas e universidades, considerá-los adultos, quando os professôres sabem perfeitamente que seria impossível conceder-lhes qualquer direito de orientação da sua própria vida escolar. Adolescente é adolescente quanto a possibilidades, discernimento e responsabilidades, sendo êste o único critério dos adultos responsáveis"

A nova revolução americana dentro de critérios de liberdade, de renovação de uma busca de valôres originais - de pureza, de bondade, de horror ao robô e mecanização da vida, a tecnocracia e a neurose do consumo - tem vetores que històricamente se chocam com a natureza tanto num sentido estético como matafísico de Rousseau.

A obra de Roszak é uma carta de amor aos jovens e ao mesmo tempo uma ponte de socorro aos adultos para que entendam os jovens e para que mutuamente se ajudem a vencer a crise atual.

Lamennais dizia: "Nous vivons dans un siècle qui lasse le mépris"

Infelizmente o nosso século foi ainda mais longe, e não sabemos o que diria Lamennais se ainda vivesse e pudesse rematar o seu pensamen-

Mas sabemos que graças a América, o país mais poderoso da História é também o país mais livre. E por isso é sob muitos aspectos um país modêlo onde pela não-violência se realiza uma grandiosa revolução tendente a dignificar dia a dia e cada vez mais o homem.

(I) - O ateísmo intrínseco ao marxismo - ao contrário do que pretendem certos teólogos de rigor duvidoso no plano intelectual - veio trazer pelas suas conotações totalitárias um elemento de dificuldade ao problema.

Contudo o ateismo idealista e antimarxista é um fato como aliás reconheceu Max Scheler, nos seus comentários a Hartmann e Kerler ('O homem e a História" – na revista "Die Neue Runschau" de novembro de 1926).

(2) - Ver por exemplo Charles Ingersoll, A view of rights and Wrongs, Power and Policy, of the United States of America" (Philadelphie, 1808, páginas 34 e seguintes.

(3) — William James — "Pragmatism" — pá

gina 67.

(4) - Hannah Arendt - "On Revolution" 1963 - As transcrições bem como a característica do livro encontram-se sobretudo no capítulo: "sentido da revolução". É um poema em prosa à América e uma reabilitação do liberalismo. A título apenas de curiosidade para se saber quão forte é o liberalismo na América, diremos que mesmo um fascista como Lawrence Dennis, inteiramente fracassado no seu trata-lho, "The Dynamics of War and Revolution" (The Weekly Foreigh Letter, páginas 250 e seguintes, teme atacar a democracia e só lateralmente lhe faz críticas (tôdas demagógicas) por 'servir à plutocracia"

Quanto a Hannah Arendt é uma escritora li-beral, séria e profunda. Foi em certo modo, embora apenas talvez quanto aos aspectos da filosofia dos valôres, influenciada por Martin Buber, que se considerava um "sionista espiritual" o que nos mostra a complexidade da doutrina quando encarna num grande filósofo e num grande coração.

(5) - Charles A. Reich - "The Greening of America - Random House - New York. As citações encontram-se nos capítulos, "Loss of reality", "Anatomy of the corporate state" e "Beyond Youth: Recovery of self". Reich não cita Goethe mas a sua "Greening of America" poderia ter por título uma passagem de Goethe: Tôdas as teorias são cinzentas, só a árvore da vida é eternamente verde"

(6) — David Riesman — "The Lonely Crowd" — Yale University Press.
(7) — William H. Whyte — "The Organization

Man" — Simon and Schuster, New York-1935) Theodore Roszak — "The Making of a Counter Culture" — Reflections on the technocratic society and its youthful opposition" - Doubleday & Company, Inc - 1969.



A editoria





# POLÍTIKA É TEMA DE SEMINÁRIO

CÂMARA DE VEREADO-RES DE TRÊS RIOS (Estado do Rio): - "Prezados Senhores: é sempre motivo de satisfação para esta Casa Legislativa congratular-se com eventos que realmente mereçam destaque, como no caso do aparecimento do jornal "POLITIKA", tão bem orientado por VV.SS. e já fadado a ter grande repercussão nos meios políticos brasileiros. Assim, a requerimento do vereador Aquilas Rodrigues Coutinho, com a aprovação unânime da Câmara, apresentamos a VV.SS. e a tôda a equipe de colaboradores, a nossa moção de aplauso e votos de grande sucesso para o informativo de tão elevado gabarito. a) Itamar Lopes Alexandre, 10. secretário da Câmara". Obrigado, Três Rios. Para agradecer pessoalmente, um dia a gente chega lá.

ANTÔNIO JOSÉ BAR-BOSA (Rua Santo Antônio, 1042, Juiz de Fora, Minas): — Tenho 17 anos, faço o terceiro colegial, e me preparo para fazer o curso superior de História. Desde pequeno, apesar de não entender absolutamente nada, ou quase isso, sempre me interessei por política. A medida que evoluo, as dúvidas antigas vão desaparecendo enquanto outras surgem, desta vez em maior número e bem mais complexas. Quando a informação escasseia, as suposições avolumam-se. Em política, principalmente, a suposição leva a desastrosos resultados. Vem daí a grande importância de POLITIKA. Em um País onde o assunto é tratado com tanto despreparo, (a

maioria de nossos jornalistas e a quase totalidade dos políticos ignoram que política é ciência) é confortador assistir à chegada de um jornal especializado. Creio que a decisão mais acertada de POLITIKA é não ir diretamente, ou melhor, não se basear profundamente no momento político atual. O dia a dia nós o vemos com os olhos da paixão. E isto nos leva a cometer equívocos. O que vocês fazem é o mais lógico: analisar todo um processo histórico, dando ao leitor a chance de, por si mesmo, entender o presente. Bola pra frente!"

Antônio, se o Gustavo Corção, aos 170, escrevesse enxuto como você aos 17. esta nossa roça jornalística daria muito melhor feijão. Bola pra frente você também, que você vai lon-

João Furtado (Botafogo, GB) - "Por favor, mantenham a dignidade da última página". E das outras, João, você não cuida? Pois cuidaremos nós, embora o Fritz tenha anotado seu apêlo.

Heitor Furtado (Deputado, Rio) - "Compro no dia que sai. E fico com programa para o fim de semana".

Haroldo Costa (editor, GB) - "Meu fim de semana está melhor, com POLI-TIKA. O estilo é excelente e, em cada página, a gente aprende e se diverte. Nunca vi um jornal tão engraçado e tão sério".

Moacyr de Souza (Londrina) - "Polítika" já é a publicação carioca de mais e material de consulta de um seminário na Faculdade de Filosofia daqui".

LOPO COELHO (deputado, presidente Da ARENA da GB): - "Alguns costumam não ler e não gostar. Outros, não ler e gostar. Eu li e gostei. Li todo e gostei muito. Continuem".

Continuaremos. E, com seu apoio, continuaremos mais fácil.

GILKA SERZEDELLO MACHADO ("Tribuna da Imprensa"): — "Oliveira Bastos e Sebastião Nery, queridos colegas de redação, estão de parabéns. Não existiu, jamais, no Brasil, um jornal como PO-LITIKA. De número para número, cresce o semanário, com matérias que todos gostamos de ler".

Como êste K, Gilka, você sempre foi das nossas. Que tal "Kolunão", assim com **k**, de Gilka e de PO-LITIKA?

Maria de Lourdes Pimenta (Rio) pelo telefone: "Meu marido me disse: "leia e guarde; não jogue fora". Acontece que eu perdi os dois primeiros números". Não perdeu, não, dona Maria de Lourdes: Até nisso fomos providenciais: providenciamos um pequeno encalhe com que estamos atendendo pedidos como os seus. Mande buscar.

Gumercindo Tôrres (Médico, Recife) — "Como pernambucano vivi tôdas as emoções narradas pelo repórter. O país já estava cansado dos políticos". Aí é que você se engana, Gumercindo. Um povo que se cansa da política, acaba sendo cansado por coisa muito pior. E a política, no fundo, é a arte de mudar políticos. Dureza é você não poder mudar. Pense bem.

Roberto Meneses (jornalista, Recife) - "Estou enviando a entrevista do Pe. Melo, mas a primeira carta foi devolvida pelos Correios com a anotação de "Enderêço ignorado" Ora, Roberto, podemos ser ignorantes, mas ignorados, nunca. O enderêço é êsse mesmo. Insista.

SOCIEDADE DE DEFESA DO IDIOMA PATRIO Ação em todo o Brusil

S.Paulo, 14-11-71

Dona Filomena Gebran DD. Diretora da revista POLÍTICA

Prezada patrácia

Lemos c/ agrado e boa vontade a revista POLÍTICA. Pensámos em escrever-lhe elogiando o bom português, que reputamos indispensável, pois tudo se pode escrever, incluindo humorismo, sem relaxar o idioma que nos une en uma mesma pátria. Encontremos porém alguns senões que, no intúito de colaborar, lhe enviamos anotados. Fora isso, a revista é boa e lhe desejamos longa vida, apesar dos obstáculos e entraves que a prezada compatriota conhece melhor que nos.

Felizmente o emprêgo de giria não é insistente, o que fez esnerar que desapareça, deixando de macular a linguagem de ume publice-

ção à qual desejamos excelente futuro.

POLITIKA kenversa
reservada

SUBVERSÃO: A revista
desacata a ortografia oficial, legal, obrigatória, que suprimiu o K.

O"QU-NTE" - giria repugnante como tôdas as girias.

Na giria obscena dos pederastas pessivos, O"QUENTE" designa o esfincter anal, em estado de excitação.

MOZIO. Palavra inventada. No Brasil, infelizmente abusa-se da liberdade de expressão e qualquer pessoa dispondo de alguma publicação, forja algum têrmo mais a ou menos idiota e tenta introduzilo, deformando a linguagem impressa. Notamos isso SOMENTE no Brasil. É lastimável.

EL PESSOAL:

O empreso do yerbo TER no sentido de HAVER ou EXISTEN LA CAMBAR CONTRA CONTR O"QU\_NTE" - giria repugnante como tôdas as girias.

uto, na selva do jornalisto, portando a opinionia A mistura de ralavras estrantros países.

Indignação aos que não confecem linguas de o tros países.

(Sema MA semana passada - No mês passado - No memor - No memor - No memor - No memor - Prese - Não inventemos sintaxes viciosas. Na semana passado devente o almôto, etc. nguas de ou-Arræs surpræendeu muitos 0 verbo surpræender também é transitivo.

Rogando-lhe considerar as linhas acima como cordial desejo de colaborar para o bom êxito da revista, queira V.S. receber os protestos de nossa distinta consideração e elevado apreço.

dé que eu essino isso.

Dê-me. Me dá não coisa que se impri-

of I there's super Trainer of stable !

Roque Correis da Silva

Secretario Geral

10 18 19 20 21 23 24 26 cm 1 11



## **EDI-TORA LTDA.**

DIRETORA:
Philomena Gebran
Rua Senador Dantas, 117, sala 2124
Guanabara

# POLITIKA

DIRETORES: Oliveira Bastos Sebastião Néry EDITOR: Jorge França ARTE: Antônio Calegari RELAÇÕES PÚBLICAS: Wilson Alves HUMOR Fritz

ENDERÊÇO Almirante Barroso, 6, grupo 1509 TELEFONE 252-3691

DISTRIBUIÇÃO
DIJOLIR (Distribuidora de Jornais,
Livros e Revistas Ltda) — Rua Clarisse Indio do Brasil, no. 30 — Rio
de Janeiro — Guanabara.